

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

DANIELA PAVAN BÜTTENBENDER

**“VIVA O MOVIMENTO ANARQUISTA ORGANIZADO!”: AS CONTRADIÇÕES DE
ORGANIZAÇÃO POLÍTICA ANARQUISTA NO DEBATE SOBRE A PLATAFORMA
(1926-1934).**

Porto Alegre

2022

DANIELA PAVAN BÜTTENBENDER

**“VIVA O MOVIMENTO ANARQUISTA ORGANIZADO!”: AS CONTRADIÇÕES DE
ORGANIZAÇÃO POLÍTICA ANARQUISTA NO DEBATE SOBRE A PLATAFORMA
(1926-1934).**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Carla Brandalise

Porto Alegre

2022

Daniela Pavan Büttenbender

“VIVA O MOVIMENTO ANARQUISTA ORGANIZADO!”: AS CONTRADIÇÕES DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA ANARQUISTA NO DEBATE SOBRE A PLATAFORMA (1926-1934).

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Carla Brandalise
(Orientadora)

Me. Savio Queiroz Lima

Me. Maurício Moroso Knevez

Para sobreviventes de violência sexual, que encontram
canto na cicatriz.

AGRADECIMENTOS

Obrigado, mãe, por me apoiar, mesmo que seja do seu jeito. Pai, obrigado por ser minha rocha.

Tenho que agradecer os incríveis artistas que me ajudaram a sobreviver até aqui: Billie Holiday, René Magritte, Remedios Varo, Alejandro Jodorowsky, Leonora Carrington, Edvard Munch, Edgar Allan Poe, William Shakespeare, Jean Cocteau, Ingmar Bergman, Vincent van Gogh, Whitney Houston, Mark Rothko, Eiichiro Oda, City Morgue, Ghostemane, Scarlxrd, Amy Winehouse, Depeche Mode, Juice WRLD, Dystopia, Elliott Smith, Dream Theater, Aretha Franklin, Forgotten Tomb e Sin Dios. Faltaram muitos, mas o espaço é curto.

Obrigado às revolucionárias e revolucionários que eu tanto admiro: Nestor Makhno, Lucy Parsons, Errico Malatesta, Comandanta Ramona, Subcomandante Galeano, Bakunin, Buenaventura Durruti, Abdullah Öcalan e a todas as guerreiras e guerreiros do YPG e YPJ.

Queria agradecer também a algumas pessoas que contribuíram pra esse trabalho, das mais diversas formas: primeiro, ao Bruno, por todo o apoio e carinho com o qual ouviu meus lamentos, desesperos e perguntas intermináveis sobre ABNT; muito obrigado mesmo pela ajuda, sem você talvez esse trabalho não estaria aqui. Ao Vini, por ser meu companheiro de UFRGS e por tornar o espaço muito melhor apenas com tua presença e risada. Renata, Rafael, Rodrigo, Felipe, Lu, Day, Kel, Cói, amo vocês.

Agradeço muito ao professor Enrique Padrós por tudo o que me ensinou e a tantos outros. Sua falta sempre será sentida.

À Carla, minha orientadora, por todas as dicas certeiras e pela atenção que dedicou ao meu trabalho, além da paciência que demonstrou com a minha ansiedade. Por fim, ao Savio e Maurício, pela gentileza de aceitarem participar dessa jornada.

“Oh, Miséria, eu bebi teu cálice de tristezas até a última gota, mas ainda sou uma rebelde.”

Lucy Parsons

RESUMO

Este estudo trata das concepções de organização política anarquista compreendidas no debate do documento *Plataforma Organizacional da União Geral dos Anarquistas*, que envolveu diversos anarquistas renomados do período inicial do século XX, como Errico Malatesta, Nestor Makhno, Sébastien Faure e Luigi Fabbri. Investigou-se quais premissas fundamentam as críticas à Plataforma, procurando compreender os princípios estruturantes destas críticas e quais modelos de organização política estes princípios sugerem. Através da análise das fontes, que consistem em publicações de periódicos e cartas, observou-se uma constante referência à autonomia enquanto conceito norteador da prática e da organização anarquista, perpassando quase todas as críticas ao modelo plataformista, modelo este que para os debatedores propunha uma organização que representaria uma supressão da autonomia dos grupos e indivíduos. Foi analisada, também, a oposição existente nos modelos sintetista e plataformista, que representam, respectivamente, modelos de organização flexível e programática. Os modelos de organização política identificados através das críticas à Plataforma são modelos baseados na descentralização, no federalismo e no pluralismo de tendências.

Palavras-chave: Anarquismo; organização política; plataformismo;

ABSTRACT

This study deals with the conceptions of a political anarchist organization included in the debate of the document *Organizational Platform of the General Union of Anarchists*, which involved many renowned anarchists of the early twentieth-century, anarchists like Errico Malatesta, Nestor Makhno, Sébastien Faure, and Luigi Fabbri. The study investigated which premises underlie the criticisms of the Platform, seeking to understand the structuring principles of these criticisms and which models of political organization these principles suggest. It also analyzed the opposition existing in the synthesist and platformist models, which represent, respectively, models of flexible and programmatic organization. Through the analysis of the sources, which consist of publications of periodicals and letters, there was a constant reference to autonomy as a guiding concept of anarchist practice and organization, permeating almost all criticisms of the platformist model, a model that for the debaters proposed an organization that would represent suppression of the autonomy of groups and individuals. The models of a political organization identified through the criticisms of the Platform are models based on decentralization, federalism, and pluralism of tendencies.

Keywords: Anarchism; political organization; platformism;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 O DEBATE DA PLATAFORMA	15
2.1 Anarquismo organizado: A proposta do Dielo Truda	15
2.2 As diferentes críticas ao projeto plataformista	22
2.3 Responsabilidade coletiva: O embate Makhno x Malatesta	27
3 AS CONTRADIÇÕES DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA	32
3.1 “Anarcobolchevismo” e exclusivismo comunista	32
3.2 Os diferentes modelos de organização política anarquista	41
3.3 A organização política sintetista	46
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
5 FONTES	57
REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

A velha associação do termo “anarquia” com desordem e caos ou a simplificação da ideologia em “utópica”, causada por uma incompreensão de seu significado político, gerou uma reputação negativa ao movimento anarquista. Assim, outras correntes socialistas como o comunismo e, especialmente, o marxismo dominam nos meios acadêmicos por serem considerados mais concretos e “científicos”, produzindo na academia um desdém ou desconfiança geral em relação ao estudo do anarquismo (CORRÊA; SILVA; SILVA, 2015, p. 9). Desta forma, trabalhos científicos focados em anarquismo são necessários para romper este ciclo de invisibilidade e estereótipos associados ao tema.

Outra temática constantemente invisibilizada concerne ao movimento de massas anarquista da Ucrânia. Ofuscada pelo brilho e fama de sua revolução vizinha (a Revolução Russa de 1917), muitas vezes a Revolução Ucraniana de 1918 é esquecida pelos historiadores e sua herança passa despercebida. Porém, além de constituir uma revolução distinta e com diversas particularidades interessantes ao pesquisador (SCHMIDT; VAN DER WALT, 2009, p. 254), a Revolução Ucraniana possui um legado importante, que reverberou nas discussões políticas anos após seu fim, em 1921.

A Revolução Ucraniana foi um levante camponês da região de Guliai-Pole no ano de 1918, que ocorreu em resposta às determinações do Tratado de Brest-Litovsk — tratado que decretou a saída oficial da Rússia da Primeira Guerra Mundial e significou perdas territoriais para os bolcheviques, o que incluiu a Ucrânia (CARR, 1991). Desde 1917, os ucranianos estavam organizando-se em soviets livres, sem hierarquias, e o processo revolucionário russo impulsionou as lutas ucranianas por independência e defesa da terra.

Após o Tratado, porém, o quadro se transforma e a população camponesa da Ucrânia passa a enfrentar a presença de forças imperialistas alemãs e austro-húngaras (SKIRDA, 2004, p. 44). Visando proteger seus interesses por terra e liberdade, neste contexto surge o movimento revolucionário de camponeses ucranianos. A busca pela unificação dos grupos parte do sul, com o movimento liderado por Nestor Makhno, um exército voluntário auto-organizado que utilizava táticas de guerrilha para expropriar terras e combater as tropas imperialistas (DARCH, 2020). Makhno torna-se referência na luta camponesa da Ucrânia (ARSHINOV, 2008, p. 53), e o grupo que está sob seu comando passa a chamar-se “makhnovitchina”, “makhnovistas” ou “movimento makhnovista”, sendo também referido

por outros nomes (Exército Negro; Exército Insurgente Ucrâniano; Exército Insurrecional Revolucionário da Ucrânia).

O movimento teve importante participação no enfrentamento do Exército Branco e seu auxílio aos bolcheviques constitui-se em papel decisivo para a vitória do Exército Vermelho em diversas ocasiões (SKIRDA, 2004). O movimento, porém, foi de curta duração, enfraquecendo ao longo do ano 1920 e sem mais nenhuma expressão ao fim de 1921. As causas de sua fragmentação são diversas e um dos pontos de discordância no debate da *Plataforma*. É certo, porém, que as condições conjunturais internas e externas da Guerra Civil, os conflitos com os bolcheviques e a Nova Política Econômica (NEP) foram fatores importantes na dissolução dos makhnovistas (SHUBIN, 2010).

Após o fim da Revolução de 1918, Makhno e outros anarquistas, ucranianos e russos, são forçados ao exílio, passando a residir em Paris. Os anos seguintes foram de intensos debates e reflexões sobre o processo revolucionário ucraniano e sobre quais teriam sido suas falhas. Para alguns, a falta de coordenação dos anarquistas, sua dispersão e desorganização, somadas à falta de um programa comum, consistem em fatores decisivos para o esmagamento do levante (SCHMIDT; VAN DER WALT, 2009, p. 255). O fruto dessas reflexões foi a *Plataforma Organizacional da União Geral dos Anarquistas*, um documento escrito por alguns exilados da revolução de 1918, entre outros (Makhno, Arshinov, Ida Mett, Walecki e Ranko), cujo objetivo era contribuir com o debate acerca da organização política anarquista.

A *Plataforma Organizacional da União Geral dos Anarquistas* surge em junho de 1926 e é um documento com 29 páginas onde são estabelecidas as bases do programa que os autores consideram como o melhor caminho para vencer as dificuldades que entravam a vitória do anarquismo no seio das massas trabalhadoras. No entanto, a *Plataforma* (como será referida aqui) não foi aceita por todos os anarquistas que com ela tiveram contato, gerando um debate acalorado que envolveu diversos outros nomes anarquistas famosos (como Errico Malatesta, Luigi Fabbri e Volin). O centro do debate eram as diferentes perspectivas de como deveria se estruturar uma organização política anarquista, ou até mesmo se ela seria necessária ou desejável. O debate entre tendências do anarquismo não era algo novo em 1926, mas a *Plataforma* reintroduziu elementos à discussão — como a proposta de uma União Geral de Anarquistas — que já tinham sido propostos por autores clássicos como Mikhail Bakunin (MINTZ, 2007).

Para a análise do debate da *Plataforma*, será utilizado um conjunto de documentos que consistem em publicações de jornais, de artigos e cartas, métodos utilizados para a

correspondência e troca de ideias entre os debatedores, e contemplam um período que vai de 1926 a 1934. Os documentos se localizam no dossiê “A Plataforma Organizacional: o maior debate histórico sobre a questão da organização anarquista” do Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA)¹, e são uma versão digital e traduzida, não sendo, portanto, os jornais originais, que são de difícil acesso. As publicações utilizadas se encontram em seis jornais, mas, infelizmente, poucas informações sobre os periódicos sobreviveram, impossibilitando assim uma descrição mais detalhada de suas atividades, tiragem e recepção popular.

Os seis periódicos são: *Dielo Truda*, periódico bimensal parisiense do Grupo de Anarquistas Russos no Estrangeiro, autores da *Plataforma*; *Il Martello*, jornal localizado em Nova York do antifacista e anarquista Carlo Tresca, que iniciou suas atividades em 1917 (PERNICONE, 2005). *Il Risveglio Anarchico*, ou simplesmente *Il Risveglio*, foi um jornal bilingue quinzenal que iniciou suas atividades em 1900, construído por imigrantes italianos, tendo como responsável Luigi Bertoni (BETTINI, 1976); *Golos Truzhenika*, de Chicago (Estados Unidos da América), organizado por Olga e Gregori Maximoff, um dos debatedores da *Plataforma*; *Plus Loin*, jornal francês que ganhou destaque pós Primeira Guerra Mundial e no qual Kropotkin contribuiu; e *Le Libertaire*, que, apesar de ter uma história anterior, é retomado em 1895 e se tornou um dos mais importantes jornais anarquistas de sua época (MAITRON, 1992), sob a responsabilidade do anarquista, também debatedor, Sébastien Faure. É utilizada também *L'Encyclopédie Anarchiste*, enciclopédia sobre o anarquismo organizada também por Sébastien Faure.

As fontes surgem num contexto específico, boa parte delas tendo origem em Paris, que era o local escolhido por diversos anarquistas exilados e centro de efervescência de ideias construtivistas (MCNAB, 2004). O fracasso do movimento anarquista durante as duas revoluções — fracasso de um ponto de vista de estabelecer uma preponderância anarquista no movimento de massas — tornou-se objeto de reflexão e autocrítica para os exilados, que buscavam soluções para os problemas que identificaram — desorganização, para os plataformistas, e conflitos internos, para os sintetistas, por exemplo. É nesse cenário que a *Plataforma* irá representar um ponto de partida para os novos debates, sem a intenção de esgotar a discussão, mas sim criar o ambiente propício para o aperfeiçoamento de pontos expressos no projeto.

¹ CORRÊA, F. (org.). Dossiê A Plataforma Organizacional: o maior debate histórico sobre a questão da organização anarquista. Instituto de Teoria e História Anarquista. 2017. Disponível em: <https://ithanarquista.wordpress.com/plataforma-organizacional/>. Acesso em 25 abr. 2022.

Desta maneira, a pesquisa irá debruçar-se sobre a problemática de identificar quais princípios estruturam as críticas à *Plataforma* e quais formas de organização política anarquista estes princípios indicam. Pretende-se investigar em que consistem as críticas feitas à *Plataforma* e compreender os postulados que fundamentam as posições contrárias ao projeto plataformista expressas no debate.

Considerando que trataremos aqui organizações anarquistas, faz-se necessário conceituarmos anarquismo, um conceito que não é, de forma alguma, facilmente definido ou fruto de um consenso da comunidade acadêmica ou entre militantes. Pelo contrário, a definição de “anarquismo” foi (e segue sendo) uma categoria disputada, como fica evidente, por exemplo, na utilização do prefixo *anarco* por grupos de direita para nomear uma posição ultraliberal que não se configura como corrente anarquista de fato (CARONE, 1995; COSTA, 2004). Casos como esse evidenciam a confusão conceitual que pode surgir ao assumirmos uma análise histórica descontextualizada ou baseada unicamente em características etimológicas. O presente trabalho não tem como objetivo cobrir os enganos históricos que surgiram no decorrer da trajetória do anarquismo; o exemplo citado serve apenas para demonstrar *o que o anarquismo não é*. Evidenciadas as abordagens descartadas, podemos partir para a pergunta: *mas então, o que é o anarquismo?*

Os diferentes entendimentos, de maneira geral, diferem a partir do marco temporal utilizado para considerar o surgimento do anarquismo. Os variados marcos temporais explicitam, também, o próprio conceito de anarquismo intrínseco a essa escolha. Bravo (1998), em *Dicionário de Política*, identifica as raízes do anarquismo em movimentos e ideias muito anteriores à ideia de anarquismo enquanto corrente política, definindo-o como o “[...] movimento que atribui, ao homem como indivíduo e à coletividade, o direito de usufruir toda a liberdade, sem limitação de normas, de espaço e de tempo, fora dos limites existenciais do próprio indivíduo” (BRAVO, 1998, p. 23).

Evidentemente, o anarquismo aqui é descrito como uma filosofia ou como um movimento pautado pela busca da liberdade. A seguir, o autor afirma que o anarquismo se manifesta de três formas: intelectual, religiosa e finalmente política. Ainda que Bravo reconheça o anarquismo como movimento político, ainda sim são citados, como exemplo deste movimento, eventos muito diversos: revoltas medievais de camponeses, grupo de cavadores (*diggers*) do século XVII e até movimentos anabatistas (BRAVO, 1998, p. 24); colocando desta maneira, o autor aparenta considerar “anarquismo” um adjetivo para situações de intensa agitação, sublevação ou ruptura de modelos e estruturas sociais.

Outros autores irão apontar a falta da delimitação conceitual e amplitude exacerbada presente nessa visão, o que poderia resultar na inclusão de grupos muito heterogêneos no “guarda-chuva” anarquista:

Prometeu, Satã, Jesus, Epíteto, Diógenes, podem ser considerados como anarquistas? [...] De fato, querer integrar na “linhagem anarquista” todos os revoltados equivale a confundir a história da anarquia com a história da humanidade (COELHO, 2008, p. 15).

As discussões sobre o anarquismo enquanto filosofia ou “estilo de vida” são vastas (RUGAI, 2003; COSTA, 2004; MARSHALL, 2010), porém, para este trabalho serão considerados autores que pensam o conceito de anarquismo como movimento político contemporâneo: as contribuições que identificam no século XIX o surgimento do anarquismo.

Assim, o conceito de anarquismo comumente acordado entre estudiosos é, primeiramente, um conceito que parte do campo do político. Como já dito, “anarquismo” pode ser entendido de diversas maneiras a partir de diferentes abordagens (estilo de vida, sinônimo de caos, filosofia, radicalização); contudo, certos fundamentos devem ser observados como constituintes do que hoje chamamos de anarquismo, especialmente: o momento histórico em que ele surgiu, isto é, num contexto de centralização acelerada do século XIX que fomentou uma aversão tanto a instituições centralizadas quanto à exploração capitalista (AVRICH, 1971).

Estabelecido dentro do campo político, o anarquismo pode ser situado como uma corrente socialista — isto é, conjunto de ideias ou tendência política oriunda das massas trabalhadoras que visa a luta contra o capitalismo (GUÉRIN, 1968). Na posição de corrente socialista, carrega o princípio de coletivização da propriedade privada acrescido de outros, que, segundo Guérin, são: luta contra o capitalismo, autogestão, federalismo, internacionalismo e antiautoritarismo (GUÉRIN, 1968, p. 20).

Desta forma, o conceito de anarquismo exposto de maneira mais precisa é aquele colocado por Felipe Corrêa, que enfatiza também a autogestão:

O anarquismo é uma ideologia socialista e revolucionária que se fundamenta em princípios determinados, cujas bases se definem a partir de uma crítica da dominação e de uma defesa da autogestão; em termos estruturais, o anarquismo defende uma transformação social fundamentada em estratégias, que devem permitir a substituição de um sistema de dominação por um sistema de autogestão (CORRÊA, 2015, p. 117).

Considerando que a pesquisa irá analisar um debate teórico que se deu, entre outros, com exilados das revoluções Russa (1917) e Ucraniana (1918), o caráter político e de movimento de massas do anarquismo é essencial para a análise coerente das posições dos envolvidos, afinal, o que se discute não são apenas modos de vida ou movimentos intelectuais, e sim a organização política das classes operária e camponesa para a criação de uma sociedade socialista, pautada na luta contra o capitalismo e o Estado burguês.

Tendo em vista que o presente trabalho irá utilizar como fontes jornais anarquistas, é pertinente fazer algumas considerações sobre a imprensa anarquista. A imprensa anarquista tem como característica ser um veículo de comunicação de classe, voltado para a divulgação e discussão de problemáticas relativas à classe trabalhadora:

O veículo de comunicação da classe trabalhadora (...) não tem proprietário, e sua mensagem não é uma mercadoria a ser consumida; seu conteúdo é resultado do conjunto de informações, preocupações, propostas, etc. produzido pela coletividade e para ela mesma. O jornal é um instrumento de informação, conscientização e mobilização; o receptor não é um elemento passivo, mas alguém que tem interesses comuns e participa da mesma forma de organização (FERREIRA, 1988, p. 6).

O jornal anarquista pode ser visto então como um instrumento da classe trabalhadora que constrói expressão, significação e identificação com outros membros da mesma classe. O jornal propicia também um espaço para o encontro das diferentes experiências e vivências dos militantes, possibilitando assim um local para elaboração de novas práticas.

A definição de jornal anarquista é dada por Strongren:

[...] Identificamos o jornalismo anarquista como um meio massivo de comunicação popular-alternativa que difunde conteúdo crítico e reivindicatório. Esta forma de jornalismo tem como objetivo a libertação das classes populares da opressão promovida pelas classes dominantes, em vista de revolução social (STRONGREN, 2017, p. 46).

O jornal anarquista tem certas particularidades, como o fato de não visar a obtenção de lucro, de seus responsáveis serem comumente militantes e que as ideias contidas no periódico buscam transformar a realidade. Segundo o referido autor, o jornal de tipo anarquista surge com essas características devido à sua natureza, que é oposta aos meios de comunicação hegemônicos. O jornal anarquista, assim, é um meio de comunicação popular, de classe, não hegemônico e que não visa o lucro, mas prega através de suas ideias uma profunda mudança social onde o princípio de igualdade será o princípio norteador (STRONGREN, 2017).

O presente trabalho foi estruturado da seguinte maneira: o primeiro capítulo se dedica

a dar uma visão geral do debate, contendo uma apresentação da *Plataforma* e de suas principais propostas, um panorama de algumas das críticas feitas ao projeto plataformista e a discussão entre Makhno e Malatesta sobre o princípio de responsabilidade coletiva, buscando evidenciar seus principais pontos de discordância. O segundo capítulo centra-se na exploração das diferentes concepções de organização anarquista a partir das críticas ao projeto da *Plataforma*, demonstrando as contradições dos diferentes pontos de vista. Neste capítulo procurou-se desenvolver uma análise das premissas e princípios que regem tais críticas, a fim de conceber qual seria então o modelo de organização anarquista compreendido como ideal pelos debatedores.

2 O DEBATE DA PLATAFORMA

2.1 Anarquismo organizado: a proposta do Dielo Truda

Diante do que é entendido pelos debatedores como fracasso do movimento anarquista no contexto da Revolução Russa de 1917, o Grupo de Anarquistas Russos no Estrangeiro apresentou uma proposta de organização anarquista que visava identificar as problemáticas que alimentaram esse fracasso e propor soluções construtivas para elas. O Grupo de Anarquistas Russos no Estrangeiro era responsável pela publicação do periódico *Dielo Truda* e era composto por Nestor Makhno, Piotr Arshinov, Ida Mett, Walecki e Maxime Ranko.

Nestor Makhno foi um revolucionário ucraniano que lutou durante a Revolução Ucraniana de 1918, nascido em Guliai-Pole em 1888, na província de Ekaterinoslav (atual Dnipro). Em 1906, entra em contato com ideias anarquistas e passa a integrar o grupo Anarquista Comunista local. Em 1908, devido às suas atividades com o grupo (como assassinatos e expropriações) é preso e condenado à forca. Pela sua pouca idade, porém, a pena é comutada para prisão perpétua. Na Revolução Russa de 1917, é libertado e retorna às suas atividades revolucionárias, organizando o que seria depois conhecido como Exército Insurgente. Após o fim da Revolução Ucraniana, refugia-se na Romênia, seguindo depois para Paris. Morreu jovem, pobre e solitário, aos 46 anos, de tuberculose (PALIJ, 1976).

Piotr Arshinov nasceu em 1887 na província de Nisnelomov, unindo-se ao movimento revolucionário em 1904. Era membro da seção bolchevique do Partido Social-Democrata Russo. Fugindo da repressão policial, passa a residir em Ekaterinoslav, aproximando-se do anarquismo. Em 1910, participa de uma expropriação e é preso e condenado a 20 anos de cárcere. É na prisão de Butyrki que conhece Nestor Makhno. Após ser libertado em 1917,

envolve-se em propaganda e junta-se a Makhno na Ucrânia. Após o fim da Revolução Ucrainiana, em 1921, foge para o exterior onde completa o livro *História do Movimento Makhnovista*. Após romper com o anarquismo em uma tentativa de ser bem recebido em seu retorno à Rússia, é baleado em 1937 (HEATH, 2004).

Ida Mett é o pseudônimo adotado por Ida Gilman, nascida em 1901 na Bielorrússia. Era ativa no movimento anarquista russo até sua prisão, da qual escapou em direção à Polônia e posteriormente para Paris, onde foi ativa na *Dielo Truda* e co-autora da *Plataforma*, além de contribuir com outros periódicos (HEATH, 2006).

Jean Walecki é o pseudônimo adotado por Isaak Gurfinkiel, personagem mais obscuro entre os autores da *Plataforma*. Sabe-se que ele nasceu na Polônia em 1905, mudando-se para Paris em 1923. Estudou Letras e trabalhou como tipógrafo, e atuava também como intérprete de Makhno quando necessário (HEATH, 2017). Maxime Ranko é o pseudônimo de Benjamin Goldberg. Ranko nasceu na Polônia em 1905 e era de origem abastada, aproximando-se de ideais anarquistas em seu período na França. Em 1939, refugia-se na União Soviética e passa a apoiar o regime publicamente. Morre em 1952, vítima de várias doenças (HEATH, 2017).

A *Plataforma Organizacional da União Geral dos Anarquistas* é dividida em três partes principais: a “Parte Geral”, “Parte Construtiva” e “Parte Organizacional”, sendo esta última a menor das três, mas a que gerou o maior número de polêmicas.

Em primeiro lugar, a *Plataforma*² aponta que o movimento anarquista encontrava-se “num estado de desorganização geral crônica” (DIELO TRUDA, 1926a, p. 7), o que dificultava seu crescimento e expansão enquanto guia no processo de libertação da massa trabalhadora. Tal estado se deve a ausência de relações organizacionais no movimento. O anarquismo é um movimento social das massas, portanto, deve-se reunir os anarquistas numa organização com atuação constante seguindo estratégias pautadas na luta de classes para assim “sair do pântano da desorganização” (DIELO TRUDA, 1926a, p. 8). O único método que pode resolver o problema da desorganização é uma reunião de militantes ativos numa organização que tenha posições ideológicas, táticas e organizacionais precisas e um programa homogêneo. A *Plataforma* seria o esqueleto deste programa.

Na “Parte Geral” são destacados os fundamentos que servirão de base para a proposta expressa na *Plataforma*, abordando as visões dos autores da proposta sobre uma série de questões essenciais: luta de classes, violência, a importância do anarquismo comunista, democracia, a negação do Estado, o papel das massas e dos anarquistas na revolução, o

² Será utilizado “a Plataforma” para referir-se às opiniões coletivas de seus autores, previamente apresentados.

período de transição e sindicalismo. Desses tópicos, destacam-se: o anarquismo comunista, a negação do Estado, o papel dos anarquistas e o período de transição.

Em “O Anarquismo e o Comunismo Anarquista”, a *Plataforma* evidencia que o anarquismo não surgiu das ideias individuais de algum filósofo, mas da luta da massa trabalhadora contra o capital (DIELO TRUDA, 1926^a, p. 12). Os pensadores anarquistas não criaram o anarquismo, mas o descobriram nas massas e ajudaram a defini-lo e difundi-lo. Contrariando a noção de que o anarquismo seria uma herança de e para toda a humanidade, a fonte expressa que “a humanidade unitária não existe” (DIELO TRUDA, 1926a, p. 13). Atribuir ao anarquismo um caráter humano universal seria uma mentira histórica e social e justificaria a ordem atual e a exploração. O anarquismo quer transformar a sociedade atual em uma que proporcione aos trabalhadores o fruto de seu trabalho; logo, o anarquismo comunista entende que o único criador de valores sociais é o trabalho e não admite classes não trabalhadoras.

“A negação do Estado e do poder” explicita as ideias antiautoritárias, criticando o Estado, que, na visão dos anarquistas, incorpora todos os elementos do que consideram uma autoridade compulsória deletéria. Assim, “O Estado é, simultaneamente, a violência organizada e o órgão executivo da burguesia contra os trabalhadores” (DIELO TRUDA, 1926a, p. 15). O poder é visto como algo intrinsecamente negativo, pois “o poder sem a violência e a exploração perde todo seu fundamento” (DIELO TRUDA, 1926a, p. 15).

Em “O papel das massas e o papel dos anarquistas na luta social e na revolução social” a *Plataforma* divide a atuação dos anarquistas em dois períodos: pré-revolucionário e revolucionário. Independente do período, a atuação só será efetiva se realizada como força organizada (DIELO TRUDA, 1926a, p. 17). O papel dos anarquistas na revolução social não deve ser limitado à propaganda ou educação das massas trabalhadoras; deve-se tornar o anarquismo um guia das massas a fim de realizar uma revolução social que alcance a plena libertação da classe trabalhadora:

É precisamente no espírito da intransigência de classe, do antidemocratismo, do antiestatismo e dos ideais do comunismo anarquista que a educação anarquista das massas deve ser conduzida. Mas só a educação não é suficiente. É necessária uma certa organização anarquista das massas. Para realizá-la, o trabalho deve ser conduzido em dois sentidos: no plano da seleção e do agrupamento das forças revolucionárias operárias e camponesas sobre a base do anarquismo (organizações fundamentadas em ideias anarquistas), e no plano do agrupamento dos operários e dos camponeses revolucionários sobre a base da produção e do consumo (organizações de produção dos operários e dos camponeses revolucionários, cooperativas

operárias e camponesas livres entre outras) (DIELO TRUDA, 1926a, p. 17-18).

É, portanto, necessário organizar a atividade anarquista em duas direções: no agrupamento de militantes operários e camponeses tendo como base o anarquismo; e no agrupamento de operários e camponeses tendo como base a produção. Ou seja, a *Plataforma* prega aqui a implementação do dualismo organizacional³.

Sobre o período de transição, a Plataforma entende-o como “[...] fase que se caracteriza pela ruptura com a antiga ordem e pela instauração de um novo sistema político, o qual ainda não contém em si a completa libertação dos trabalhadores” (DIELO TRUDA, 1926a, p. 20). Os anarquistas se opõem a esse tipo de proposta por considerarem que os modelos de período transicional ainda concebem princípios de coerção que acabam conduzindo a um crescimento da exploração. A ideia de período de transição seria “antianarquista em essência” (DIELO TRUDA, 1926a, p. 20), pois, por conter ainda elementos do sistema capitalista, carrega a possibilidade de esses elementos fundamentarem o restabelecimento da antiga ordem; como exemplo, a *Plataforma* cita a atuação dos bolcheviques pós Revolução Russa (DIELO TRUDA, 1926a, p. 20).

A “Parte Construtiva” vai tratar de questões práticas e apresentar as ideias e possíveis soluções do projeto para essas problemáticas. Aborda temas como produção, abastecimento, terra e defesa da revolução.

Em primeiro lugar, é colocado que o objetivo final da luta e da revolução social é o estabelecimento de uma sociedade anarquista comunista com o princípio “de cada um segundo suas possibilidades, a cada um segundo suas necessidades” (DIELO TRUDA, 1926a, p. 24).

Sobre a produção, a *Plataforma* compreende que é essencial a socialização dos frutos do trabalho e substituição da competição e dos salários pela solidariedade e apoio mútuo (DIELO TRUDA, 1926a, p. 25). A gestão se daria através de órgãos da classe trabalhadora, como sovietes e comitês de fábrica, que se organizariam por meio do federalismo — isto é, um tipo de organização social descentralizada onde o poder é exercido da circunferência ao

³ O dualismo organizacional é um modelo organizacional proposto por Bakunin que prevê a atuação organizada dos anarquistas nos níveis político (organizar-se enquanto anarquista) e social (organizar-se nas organizações de massas). Segundo Corrêa e Silva: "O dualismo organizacional bakuniniano caracteriza-se pela união dessas duas organizações – uma política, de minorias (quadros); outra social, de maiorias (massas) – e sua articulação horizontal e permanente potencializaria a força dos trabalhadores e aumentaria as chances do processo de transformação social com fins anarquistas" (CORRÊA; SILVA, 2015, p. 5).

centro e de baixo para cima. Esses órgãos atuariam sob os princípios de solidariedade e igualdade de direitos para produtores.

Sobre o abastecimento, a proposta se detém especificamente na questão da repartição dos produtos. A *Plataforma* deixa evidente que apenas é possível dar soluções gerais a esse problema, pois particularidades das diferentes situações influenciam imensamente na solução que será adotada. (DIELO TRUDA, 1926a, p. 26). É reafirmada a obrigação da revolução de cuidar das necessidades de todas as pessoas, com exceção das classes não-trabalhadoras. Excetuando essa categoria, as necessidades das massas seriam satisfeitas por um fundo de abastecimento. No campo organizativo, as cooperativas assumiriam o papel como órgãos para lidar com as necessidades de abastecimento e, com o tempo, encarregadas de funções mais constantes e abrangentes, essas cooperativas poderiam assumir a forma de órgãos permanentes.

Sobre a terra, a *Plataforma* expõe que o campesinato e o proletariado assalariado do campo são as principais forças criativas para a resolução da questão baseada em princípios do anarquismo comunista (DIELO TRUDA, 1926a, p. 27). Fica evidenciada a necessidade da terra ser cultivada e seus frutos divididos de maneira coletiva, impossibilitando sua utilização para exploração econômica por indivíduos. Apesar de salientar a necessidade da produção e distribuição coletiva, a *Plataforma* ainda conserva a ideia de que há camponeses que, pelo costume, trabalham a terra individualmente, ao contrário das cidades, onde o trabalho é dividido em cadeias interdependentes. Assim, a questão do trabalho camponês não é uma questão encerrada, mas sim uma questão aberta às decisões dos próprios camponeses sobre o uso da terra. Os autores são taxativos: “Nenhuma pressão externa é possível nessa questão” (DIELO TRUDA, 1926a, p. 28).

É em “A defesa da revolução” que serão abordadas as problemáticas concernentes às formas de organização para a proteção da revolução social das forças contrarrevolucionárias. Tal segmento é alvo de polêmicas posteriores no debate da *Plataforma*, por conter o que alguns debatedores consideram como sementes autoritárias e centralistas.

Inicialmente, antes de qualquer proposta militar, a *Plataforma* diz que “o meio mais poderoso de defesa da revolução é a solução bem sucedida de seus problemas positivos: aquele da produção, do consumo e da terra” (DIELO TRUDA, 1926a, p. 28), evidenciando a necessidade de fortalecer a revolução internamente antes de enfrentar inimigos externos. Prevendo que após a revolução irá seguir uma guerra civil que durará anos, a *Plataforma* propõe que os trabalhadores deverão criar órgãos para defender a revolução e para lutarem

contra as forças contrarrevolucionárias que buscam retomar os privilégios perdidos (DIELO TRUDA, 1926a, p. 29). No início, tais órgãos seriam compostos por toda a classe trabalhadora armada, porém, tal forma de organização só seria bem sucedida nos períodos iniciais da revolução social. Após, o desenvolvimento da guerra civil iria exigir destacamentos militares mais organizados, fundados sobre os princípios do serviço voluntário, o caráter de classe, autodisciplina revolucionária e subordinação do exército aos órgãos criados pela massa trabalhadora; a sujeição aos órgãos de trabalhadores é um princípio enfatizado:

Em outras palavras: o órgão de defesa da revolução – responsável pelo combate da contrarrevolução, tanto nas frentes militares abertas quanto naquelas frentes ocultas da guerra civil (os complôs da burguesia, os preparativos das ações contrarrevolucionárias etc.) – será completamente conduzido por organizações produtivas e superiores de operários e camponeses, às quais ele estará subordinado e pelas quais será politicamente orientado (DIELO TRUDA, 1926a, p. 30).

A *Plataforma* dá ênfase a esse princípio, pois busca demonstrar que o exército estaria politicamente sujeito ao controle dos trabalhadores, não tendo, portanto, possibilidade de ações desconectadas da massa, impedindo assim desvios do objetivo para o qual o exército foi criado — a defesa da revolução e das conquistas dos trabalhadores.

A fim de obter sucesso enquanto força militar organizada em contexto de guerra, a *Plataforma* julga ser necessário seguir os princípios que considera fundamentais para ações militares: unidade de plano de operações e um comando comum (DIELO TRUDA, 1926a, p. 30); tais princípios são uma necessidade devido às circunstâncias da guerra. Assim, as forças revolucionárias iriam fundir-se num exército revolucionário geral, com um comando comum.

Na “Parte Organizacional” é proposta a fundação de uma União Geral dos Anarquistas, a organização política que deveria reunir o máximo de militantes ativos para construir a revolução social. Os princípios fundamentais da organização são: unidade ideológica, unidade tática ou método coletivo de ação, responsabilidade coletiva e federalismo.

Sobre unidade ideológica, é entendido que a ideologia “representa a força que orienta a atividade de pessoas e organizações por uma via determinada e rumo a um objetivo determinado” (DIELO TRUDA, 1926a, p. 32), logo, a União deve ter uma unidade ideológica que oriente e esteja de acordo com as atividades desenvolvidas.

“Unidade tática ou método coletivo de ação” trata das estratégias utilizadas pela União, que devem estar em harmonia entre si, pois ela “liberta o movimento do atoleiro constituído pelas múltiplas táticas que se autodestroem” (DIELO TRUDA, 1926a, p. 32). A harmonia deve se dar entre as táticas e entre a ideologia acordada de maneira comum.

A Responsabilidade Coletiva é outro ponto que gerou intenso debate entre os intelectuais. A Plataforma rejeita a responsabilidade individual, pois é entendido que a luta revolucionária possui uma natureza que necessita de relações coletivas, não individuais (DIELO TRUDA, 1926a, p. 33). Assim, é introduzido o princípio de responsabilidade coletiva, que significa que a organização será responsável pela atividade de cada membro e cada membro responsável pela atividade da organização.

Após, são tecidas críticas à ideia de centralização, que, aliás, é uma das acusações mais comuns dos debatedores à *Plataforma*. Sobre o tema, a *Plataforma* expressa: "O sistema de centralização baseia-se na morte do espírito crítico, da iniciativa, da independência de cada indivíduo, e na submissão cega das vastas massas ao ‘centro’" (DIELO TRUDA, 1926a, p. 33). Em oposição a organizações centralizadas, é proposto o federalismo, entendido pela *Plataforma* como o livre acordo entre organizações para realizar um trabalho coletivo a fim de atingir um objetivo comum. O federalismo implica num profundo acordo entre o indivíduo e os deveres assumidos na organização. Ainda que a organização seja federalista, é necessário o cumprimento das decisões tomadas em conjunto e dos deveres serem observados juntamente com os direitos (DIELO TRUDA, 1926a).

No que tange às formas organizativas da União, cada organização representaria uma célula da União Geral e possuiriam seu próprio secretariado, a fim de organizar as atividades e orientar ideologicamente o grupo. Talvez o ponto que mais gerou resistência seja a criação do Comitê Executivo da União; tal comitê teria como função coordenar atividades dos agrupamentos e organizações ligados à União. Os deveres desse comitê seriam:

Para a coordenação das atividades de todas as organizações aderentes à União, será criado um órgão especial: o Comitê Executivo da União. Serão deveres deste comitê as seguintes funções: execução das decisões tomadas pela União e a ele encarregadas; orientação de ideias e organização das atividades das organizações isoladas, de acordo com a ideologia e a linha tática comuns à União; divulgação do estado geral do movimento; manutenção das relações de trabalho e organizacionais entre todas as organizações da União e as outras (DIELO TRUDA, 1926a, p. 34).

Além disso, outras determinações se dariam por congressos, onde seriam fixados os deveres e tarefas do Comitê Executivo. Demonstrando mais uma vez o caráter orientador

ideológico da União, a *Plataforma* enfatiza que a União não deve medir esforços para transformar-se em guia das ideias de organizações menores, tornando-se assim uma facilitadora e iniciadora do processo de revolução social (DIELO TRUDA, 1926a, p 35).

2.2 As diferentes críticas ao projeto plataformista

Neste subcapítulo serão analisadas críticas importantes à *Plataforma*, excetuando aquelas relacionadas ao exclusivismo anarcocomunista e acusações de bolchevismo, que terão sua própria seção para serem aprofundadas. O objetivo desta seção é apenas criar um panorama geral sobre as críticas à *Plataforma*, demonstrando que as discordâncias se davam em muitos níveis diferentes.

As críticas que serão abordadas nesta seção são relativas às causas do fracasso do anarquismo enquanto movimento preponderante entre as massas, o papel dos anarquistas na direção do movimento e o problema das resoluções pelo princípio da maioria.

Era consenso entre os debatedores que o anarquismo havia falhado em se tornar fator dominante nas massas trabalhadoras; as discordâncias se davam, portanto, no plano das razões para este fracasso. Os sintetistas, aqueles adeptos do projeto chamado “Sintetismo”⁴, discordavam dos autores da *Plataforma* quanto à ideia de que esse fracasso se devia à falta de relações organizacionais no movimento anarquista. Em sua “Resposta à Plataforma”, resposta elaborada por “Alguns anarquistas russos” (Sobol, Schwartz, Mollie Steimer, Volin, Lia, Roman, Ervantian, Senya Fleshin), os sintetistas identificaram um conjunto de causas diferentes, a primeira sendo a confusão teórica e doutrinária do anarquismo, isto é, a falta de clareza nas formulações de diversas ideias fundamentais da teoria (VOLIN *et al*, 1927, p. 1). Tal noção não se afasta daquela expressa na *Plataforma*, onde a própria falta de relações organizacionais possui uma causa subjacente, a “confusão ideológica” (DIELO TRUDA, 1927, p. 4), que seria resolvida por meio da unidade ideológica.

Outras causas identificadas pelos sintetistas são a dificuldade das massas aceitarem as ideias anarquistas, considerando as particularidades regionais e culturais, a repressão, e que uma parte da massa sempre vai preferir se “acomodar” ao invés de lutar por revolução (VOLIN *et al*, 1927, p. 1). Tais pontos são amplamente debatidos após a publicação da

⁴ Tendência anarquista que busca realizar uma “síntese”, isto é, uma fusão das correntes anarquistas. Na visão dos sintetistas, existem três correntes — sindicalista, individualista e comunista — e o objetivo primeiro dos anarquistas deve ser realizar uma síntese das premissas de todas as correntes a fim de alcançar a unidade teórica. Volin advogou durante o debate da Plataforma que a organização Nabat era um exemplo concreto das ideias da síntese, sendo contrariado pelos autores do Dielo Truda (VOLIN, 1934). Atualmente, a Internacional de Federações Anarquistas (IFA) é um exemplo de organização sintetista.

“Resposta”, onde Arshinov desconstrói o argumento de que o fracasso do movimento anarquista na Revolução Russa se deveu à repressão (DIELO TRUDA, 1927, p. 1). Para Arshinov, a repressão constituía um obstáculo, mas não era o único. Uma publicação posterior do Grupo de Anarquistas Russos no Estrangeiro no *Dielo Truda* critica também a posição da “Resposta” de considerar os trabalhadores “acomodados”: “Lendo a Resposta, tem-se a impressão de que as massas, além de incapazes de buscar os caminhos de sua libertação, não têm a menor vontade, e preferem seguir a linha da resistência mínima” (DIELO TRUDA, 1927, p. 15). Logo, se assim fosse, os trabalhadores teriam que ser atraídos ao anarquismo coercitivamente.

Para Sébastien Faure, militante anarquista, pedagogo, jornalista e poeta, fundador da escola *A Colméia* (GAY, 1999), as razões para o fracasso do anarquismo podem ser resumidas nos conflitos internos entre as correntes dentro do movimento anarquista:

Eu digo que não é a existência desses três elementos – anarco-sindicalismo, comunismo libertário e anarco-individualismo – que tem causado a debilidade ou, mais exatamente, o enfraquecimento relativo do pensamento e da ação anarquistas, mas unicamente a posição que uns e outros têm tomado em relação aos demais: posição de guerra aberta, encarniçada, implacável (FAURE, 1928, p. 4).

Assim, Faure assume uma posição parecida com a de outros sintetistas, onde as causas para a debilidade do movimento anarquista estariam não na existência de diferentes correntes, mas das relações conflituosas entre elas. Tal estado de coisas poderia ser resolvido pela “síntese” teórica das correntes, onde se encontraria uma base comum de acordo sem que as correntes perdessem suas particularidades (FAURE, 1928, p. 4). A Síntese Anarquista será tratada com mais detalhes na seção 3.3.

Já para Gregori Maximoff, anarcossindicalista russo que foi ativo na Nabat⁵, as causas para a debilidade do movimento se encontram em um nível totalmente diferente do teórico, como sustentado pelos outros debatedores. Maximoff é bastante crítico à noção de que haveria confusão teórica no meio anarquista, questionando como seria possível estabelecer relações organizacionais quando existem, segundo a Plataforma, obscuridade e discordância sobre questões fundamentais e de teoria e tática. Para uma organização existir, seria necessário primeiro superar tais discordâncias, pois não seria possível erguer uma organização

⁵ A Confederação Nabat foi uma organização anarquista durante o período de 1918-1920. Teve atuação durante a Revolução Ucraniana de 1918, resultando de um esforço para unificar as forças anarquistas dispersas na região ucraniana pós Revolução Russa. Teve como membros notórios Volin, Arón Barón e Piotr Arshinov, entre outros (AVRICH, 1971).

forte tendo como base fundações tão frágeis.

Para Maximoff, as causas do fracasso são de outra ordem: o processo incompleto de fragmentação do anarquismo em correntes e a incapacidade do anarquismo de apresentar uma faceta mais realista. Maximoff acredita que o processo de fragmentação e separação em correntes é algo benéfico e que enriquece o anarquismo, mas que ainda é um processo inacabado. Tal posição é diferente daquela dos sintetistas, por exemplo, ao dizerem que tal processo já ocorreu e deve ser finalmente superado, para que assim possa ocorrer a síntese.

Sobre a falta de uma base de realismo no anarquismo, Maximoff comenta:

A segunda razão para a fraqueza do movimento anarquista é a sua inabilidade de se adaptar às realidades da vida, o que limita suas atividades exclusivamente à propaganda. Tal atividade pode ocupar apenas algumas pessoas, pois a maioria, particularmente os membros comuns, em breve perdem interesse na propaganda pura. Ela se degenera em dialética, na constante repetição de uma fórmula, ou então em apatia, desilusão e, finalmente, deserção (GOLOS TRUZHENIKA, 1930, p. 33).

Assim, Maximoff entende que existe a falta de uma base prática que conecte a realidade diária dos trabalhadores às ideias anarquistas, ou, em suas palavras, “a habilidade de ajustar a teoria às necessidades práticas dos trabalhadores” (GOLOS TRUZHENIKA, 1930, p. 34).

O papel dos anarquistas no período pré e pós-revolucionário foi outro ponto de intenso debate entre os contemporâneos da *Plataforma*. É entendido por muitos debatedores que a *Plataforma* demonstra uma vontade de “dirigir” as massas trabalhadoras de um ponto de vista do partido diretor, ao invés simplesmente “guiar” as massas. Maria Isidin, pseudônimo de Maria Goldsmith, faz um primeiro questionamento aos autores da Plataforma em uma carta, onde busca esclarecer alguns pontos do projeto que para a autora haviam ficado imprecisos:

Os anarquistas deverão promover a “condução dos acontecimentos pelas ideias anarquistas”, diz a Plataforma. Esta noção não está suficientemente clara. Significa, simplesmente, que os anarquistas farão o possível para que as organizações (sindicais, comunitárias, cooperativas etc.) que construirão a nova ordem estejam imbuídas das ideias anarquistas? Ou significa que os anarquistas encarregar-se-ão eles próprios desta construção? Neste último caso, em que sentido isso se distinguiria da “ditadura de partido”? (DIELO TRUDA, 1926b, p. 2).

O Grupo de Anarquistas Russos no Estrangeiro responde a isso dizendo que a intenção é elevar a influência anarquista ideológica nas massas, pois entendem que essa é única ideologia que levará as massas à liberdade e prosperidade, considerando que as outras

alternativas (estatistas) irão certamente levar a revolução ao fracasso (DIELO TRUDA, 1926b,p. 7-8). Para tal, se faz necessária a construção de uma organização política anarquista que reúna o maior número de militantes com uma ideologia e tática comuns, a fim de maximizar a influência do anarquismo junto às massas. É nesse mesmo sentido que deve ser entendida a orientação anarquista no sindicalismo revolucionário; assim, deve-se participar dos sindicatos como força organizada orientada por um programa específico.

Em sua “Resposta à Plataforma”, os sintetistas discordam novamente das ideias da *Plataforma* ao sugerirem que o papel dos anarquistas não deve ser o de “diretor” das atividades, mas sim que os anarquistas devem apenas prestar assistência quando solicitados (VOLIN *et al*, 1927, p. 4). Os sintetistas veem a posição dos anarquistas na revolução como membros de um todo, não separados das massas ou acima delas. O papel dos anarquistas então seria o de prestar assistência ideológica às massas, mas nunca como líderes. “Dirigir” as massas implicaria na necessidade das massas serem dirigidas e criaria uma casta privilegiada separada das mesmas, colocando hierarquias e estabelecendo o princípio de poder.

Errico Malatesta, militante anarquista e escritor italiano, um dos mais influentes de seu tempo (VERNON, 2007), discordou da ideia plataformista sobre o papel dos anarquistas. Devido, talvez, a erros de tradução⁶, Malatesta compreendeu a proposta da *Plataforma* como uma proposta de direção do tipo hierárquica. Em sua Resposta à Makhno, Malatesta explicita sua visão sobre o papel dos anarquistas:

Pelo contrário, eu acredito que nós, anarquistas, convencidos da validade de nosso programa, devemos nos esforçar para adquirir uma enorme influência e atrair o movimento para a realização de nossos ideais. Mas tal influência deve ser obtida fazendo mais e melhor do que os outros, e será útil apenas se a obtivermos dessa forma (IL RISVEGLIO, 1929b, p. 3).

Malatesta acredita, então, que os anarquistas devem ter preponderância no movimento de massas trabalhadoras, porém, essa preponderância deve se dar de maneira orgânica e ser conquistada através dos feitos dos próprios anarquistas.

A ideia de que as decisões se dariam por maioria, afirmada na *Plataforma*, ao sugerir congressos que fixariam os deveres do Comitê Executivo e outras determinações, gerou desconforto em dois principais debatedores, Malatesta e Isidin. Malatesta se coloca contra as decisões por maioria, dizendo que é necessário deixarmos o caminho aberto para o exercício

⁶ A versão da *Plataforma* disponibilizada pelo ITHA possui em sua introdução uma explicação sobre os possíveis problemas de tradução da *Plataforma* realizada por Volin, como, por exemplo, a troca entre as palavras “direção” e “orientação”, que mudam completamente o sentido da proposta.

do livre pensamento e crítica para que cada um possa decidir por si mesmo qual o melhor caminho a seguir. Sobre as decisões na organização, como é colocado na *Plataforma* que as decisões sempre recaem sobre a União, Malatesta questiona se a “vontade da União” não implicaria que todos seus membros tenham sempre as mesmas opiniões, sobre todos os assuntos (IL RISVEGLIO, 1927, p. 6). Malatesta diz que, como isso é impossível, tratar-se-ia apenas da vontade da maioria, que se expressaria em congressos responsáveis por decidir as funções do Comitê e as tarefas de toda a União. Esses congressos teriam representantes de cada grupo, eleitos por maioria, e o resultado das deliberações se daria também por maioria de votos. No fim, Malatesta questiona se decisões tomadas dessa forma não significariam, no fim, uma forma de representar apenas a maioria da maioria, que logo se torna uma minoria.

Malatesta coloca:

Portanto, se os anarquistas negam à maioria o direito de governar na sociedade humana em geral [...] e se querem que tudo seja feito pelo livre acordo entre todos, como poderiam aceitar o governo da maioria em suas associações essencialmente livres e voluntárias e declarar que se submeterão às decisões da maioria antes mesmo de saber quais serão? (IL RISVEGLIO, 1927, p. 7).

É importante notar que a proposta da *Plataforma* não expõe que os integrantes da União se submeterão a decisões “antes mesmo de saber quais serão”, mas coloca que as decisões partiriam da base, no sistema federalista, e apenas a base teria poderes deliberativos, sendo obrigação do Comitê Executivo, assim, apenas executar as decisões acordadas por todos.

Maria Isidin apresentou uma resistência ainda mais ferrenha que Malatesta à ideia de decisões por maioria. Segundo a autora, a *Plataforma* propõe um partido nos moldes dos partidos políticos centralistas, com decisões por maioria e um comitê central diretor (PLUS LOIN, 1928, p. 2). Assim, a questão das decisões por maioria é fundamental, pois ela está intimamente ligada à criação de novos poderes. Para Isidin, o princípio anarquista essencial é que decisões tomadas por outras pessoas não podem ser aplicadas àqueles que não concordaram com elas, sejam minorias ou majorias que as decidiram. Se os anarquistas discordam da ideia de dominação de uma maioria, ela não pode ser aplicada em seu meio: “Ou a maioria tem sempre o direito de dominar, ou então se deve renunciar a esse critério aritmético da verdade e buscar outro” (PLUS LOIN, 1928, p. 3). Além disso, Isidin vê muitas outras problemáticas surgirem desse princípio:

Em sua empolgação pela organização, nossos camaradas perdem de vista que, em vez de estreitar a união, a sujeição da minoria só fará nascer novas lutas internas; em vez de um trabalho produtivo, as forças serão desperdiçadas pela conquista da maioria nos congressos, nos comitês, etc. (PLUS LOIN, 1928, p. 3).

Isidin acredita que a ideia de que a minoria deve se sacrificar por adotar um programa comum está longe de ser ideal: a cada dia novas problemáticas podem surgir, impossíveis de serem antevistas, e soluções novas serão necessárias (PLUS LOIN, 1928, p. 4).

Isidin diz que um ponto positivo do anarquismo reside no fato de que disputas eleitorais ou intrigas políticas desse tipo nunca ocorreram no meio anarquista, e que essa é uma base que deve ser mantida, reforçando suas críticas à ideia de decisões por maioria ao considerar que o modelo ideal é aquele em que as decisões são obrigatórias apenas para aqueles que as decidiram, não podendo ser impostas a outros. Em suma, Isidin vê que o princípio da maioria iria acarretar em disputas políticas, mecanização da vida social e uma degeneração dos princípios mais úteis do anarquismo.

2.3 Responsabilidade coletiva: O embate Makhno x Malatesta

O debate entre Nestor Makhno e Errico Malatesta marca um encontro intelectual entre dois famosos anarquistas e militantes de suas épocas. Em quatro cartas, Makhno e Malatesta debatem as formas organizacionais da organização anarquista e, principalmente, sobre o princípio de responsabilidade coletiva, um princípio que Malatesta considerava prejudicial para uma organização mas que, para Makhno, era essencial.

A primeira resposta de Malatesta é para a Plataforma enquanto projeto, não direcionada para Makhno em especial. A carta data de 1927, e Malatesta diz que o projeto chegou em suas mãos por um acaso, pois na Itália escritos não fascistas não podiam circular com liberdade. Malatesta inicia dizendo que os motivos dos autores da Plataforma são excelentes e se diz de acordo com a necessidade de uma organização anarquista visando unir os elementos ativos, pois a organização “É um fato inevitável, que se impõe a todos, numa sociedade humana em geral ou em qualquer grupo de pessoas unidas por um objetivo comum” (IL RISVEGLIO, 1927, p. 1). Para Malatesta, a discussão não gira em torno da necessidade ou não de uma organização, mas sobre as formas que deve assumir essa organização.

Malatesta diz que, por mais que as organizações sejam necessárias, elas devem estar de acordo com os princípios do anarquismo, não podem estar imbuídas de nenhum

autoritarismo e é necessário que maximizem a iniciativa dos membros e tenham um efeito educativo. E se pergunta: “O projeto em questão satisfaz essas exigências? Creio que não” (IL RISVEGLIO, 1927, p. 3).

As críticas se iniciam com Malatesta questionando a ideia de unir os anarquistas numa União Geral — proposta que qualifica de “irrealizável” (IL RISVEGLIO, 1927, p. 3). Diz que não seria nem mesmo desejável reunir todos os anarquistas numa só organização, afinal, são muitas particularidades regionais e pessoais envolvidas na construção de uma organização; uma União, nesse sentido, tornar-se-ia um obstáculo para as tarefas individuais e coletivas, ao invés de uma forma de coordenar as ações de seus membros. Malatesta exemplifica que seria complexo organizar com os mesmos militantes ações de propaganda e também sociedades secretas; assim como seria complexo reunir na mesma organização educacionistas, que acreditam que é pelo exemplo que se transformará a sociedade, e insurrecionalistas, que acreditam que a transformação requer violência revolucionária; da mesma forma, como manter unidas pessoas que tem desavenças pessoais?

Malatesta abandona então a ideia de reunir os militantes anarquistas numa só organização; passa a analisar a proposta por si mesma, como um modelo organizacional: “[...] veremos se o modelo organizacional proposto se adapta aos métodos e princípios anarquistas e se ele pode ajudar para o triunfo do anarquismo. Mais uma vez, parece-me que não” (IL RISVEGLIO, 1927, p. 5).

Malatesta diz que a organização proposta pela Plataforma, na prática, seria fragmentada e que tornaria necessária a criação de secretariados que iriam “dirigir” as tarefas e a ideologia, além do Comitê Executivo para encaminhar as decisões e “dirigir” os grupos. É então que Malatesta expressa uma ideia certamente polêmica:

Isto é anarquismo? Na minha opinião, isto é um governo e uma igreja. É verdade que não há polícia nem baionetas, nem o fiel rebanho disposto a aceitar a ideologia imposta. Mas isso significa apenas que tal governo seria impotente e impossível, e que tal igreja seria uma fonte de heresias e cisões. O espírito e a tendência permanecendo autoritários, o efeito educativo será antianarquista (IL RISVEGLIO, 1927, p. 5).

Sobre responsabilidade coletiva, Malatesta a considera a “absoluta negação de toda independência individual, de toda liberdade de iniciativa e de ação” (IL RISVEGLIO, 1927, p. 5). E considera inconcebível que a União seja responsável pela ação individual dos membros, considerando que isso minaria a iniciativa pessoal. Malatesta crê que o princípio de responsabilidade coletiva iria implicar numa vigilância por parte da organização sobre seus

membros, além de paralisar toda a iniciativa individual e até mesmo coletiva, pois a principal atividade na organização seria a busca pela permissão do Comitê para as mais diferentes tarefas. Considera inconcebível também a ideia dos militantes individuais serem responsáveis pela União, afinal, para Malatesta, a União seria desconectada da base e portanto os militantes estariam assumindo responsabilidade por ações que ainda nem sabem quais serão e que não teriam poder de impedir. E conclui: “[...] Para viver e vencer, não precisamos abandonar as razões de nossa vida e deformar o caráter da vitória eventual. Nós queremos lutar e vencer, mas como anarquistas e para a anarquia” (IL RISVEGLIO, 1927, p. 9).

A resposta de Makhno data de 1928, porém, só foi publicada em 1929. Makhno inicia a “Resposta” dizendo que sua impressão é que Malatesta não apreendeu o projeto plataformista. Makhno salienta que responsabilidade coletiva é um princípio fundamental em sua visão pois permite a convivência de membros numa organização de forma responsável. Makhno aponta que Malatesta aceita a responsabilidade individual dos anarquistas, então, não compreende como pode rejeitar a responsabilidade coletiva quando aplicada a grupos e coletividades. Makhno qualifica a posição de Malatesta como “perigosa” (IL RISVEGLIO, 1929, p. 1).

Para Makhno, apenas o princípio de responsabilidade coletiva poderia acabar com ideias falsas sobre o anarquismo, como as ideias de que ele não poderia ser um guia da massa trabalhadora ou que não seria fidedigno. Uma coletividade saudável é necessária para a luta revolucionária, e isso inclui ser coletivamente responsável:

Isso significa que apenas um espírito coletivo saudável e devotado ao anarquismo pode atender às exigências do momento, por meio de uma vontade coletivamente responsável. Nenhum de nós tem o direito de evitar essa responsabilidade. Pelo contrário, se ela foi até agora ignorada nas fileiras anarquistas, precisa se tornar já, para nós, comunistas anarquistas, um artigo de nosso programa teórico e prático (IL RISVEGLIO, 1929, p. 2).

Sobre as afirmações de Malatesta, de que o projeto da *Plataforma* seria “um governo, uma igreja”, Makhno demonstra estar desapontado por Malatesta ter usado tais palavras. Negando-se a comentar, Makhno apenas expressa sua surpresa com os argumentos usados por Malatesta.

Sobre a questão organizacional, Makhno pergunta a Malatesta se organizações permanentes com unidade ideológica são necessárias, se as instituições sociais são dispensáveis e, em caso de negativa, quais devem ser utilizadas, e conclui questionando se os

anarquistas devem assumir a posição de orientadores ou “guias” ou se devem limitar-se a auxiliares das massas.

Makhno enfatiza que a resposta de Malatesta é muito importante, por duas razões: para um maior esclarecimento das posições de Malatesta e devido sua influência no movimento anarquista, que Makhno vê como preponderante, e portanto decisiva no curso dos debates que se seguirão.

Em sua segunda carta, de dezembro de 1929, Malatesta inicia dizendo que está afastado das discussões relativas ao projeto da *Plataforma* devido à censura em seu país, que impede que publicações e discussões consideradas subversivas cheguem até ele. Malatesta diz que a carta de Makhno é a primeira manifestação após sua resposta sobre o assunto com a qual conseguiu ter contato. E diz que, caso fosse possível uma correspondência livre, pediria que Makhno esclarecesse alguns pontos que considera vagos em suas ideias, o que cogita que pode ter se dado por questões de tradução (do russo para o francês).

“De minha parte, imagino o que a noção de responsabilidade coletiva pode significar nos lábios de um anarquista” (IL RISVEGLIO, 1929b, p. 1) inicia Malatesta; usa então como exemplo o assassinato indiscriminado de populações inteiras por causa de alguns membros que resistiram a tentativas de invasões. Considera que a responsabilidade coletiva tem sido aplicada para frear a resistência a poderes autoritários, e entende que pode ser utilizada como meio opressivo de intimidação. Para Malatesta, a responsabilidade moral é laço suficiente entre militantes de uma mesma organização (IL RISVEGLIO, 1929b, p. 2). Sobre o entendimento da *Plataforma* sobre responsabilidade coletiva, Malatesta se pergunta se seria possível conciliar tal princípio com aqueles de autonomia e iniciativa individual.

Malatesta então diz que talvez a discordância nesse ponto se dê apenas em questões do uso da linguagem, pois, se a responsabilidade coletiva significa para Makhno apenas “solidariedade”, nesse caso, “sua expressão significa, na minha visão, um uso incorreto de linguagem, mas isso seria apenas uma questão irrelevante de fraseologia e logo alcançaríamos a concordância” (IL RISVEGLIO, 1929b, p. 2).

A última carta conhecida da correspondência entre os dois intelectuais é a resposta final de Makhno a Malatesta, datada de agosto de 1930. Makhno, em resposta às questões de Malatesta sobre pontos vagos em relação às suas ideias, explica suas concepções de anarquismo e as causas que identifica como responsáveis pela fraqueza do movimento anarquista.

Makhno se diz então inimigo de qualquer organização baseada no centralismo, assim como um inimigo da democracia burguesa e do Estado; em suma, se diz contra qualquer tipo de sistema que se baseie na exploração da classe trabalhadora. Makhno crê que um movimento social como o anarquismo não pode ter propostas construtivas enquanto não tiver formas organizacionais estruturadas (LE LIBERTAIRE, 1930, p. 2).

A falta dessas formas organizacionais gera nos trabalhadores uma sensação de que o anarquismo é impraticável, afastando-o delas; apenas com um programa homogêneo os anarquistas estarão preparados para orientar as massas e tornarem-se parte ativa na revolução social vindoura. Isso só pode ser alcançado por uma organização estruturada, e não por agrupamentos isolados de propaganda. E completa:

Assim, penso que, em vez de se perder tempo rechaçando tudo à esquerda e à direita, os anarquistas estariam melhor ocupados definindo o que querem, e propondo aos trabalhadores algo realista para colocar no lugar de tudo aquilo que negam (LE LIBERTAIRE, 1930, p. 3).

Em suma, o anarquismo “carece de meios práticos” (LE LIBERTAIRE, 1930, p. 3). Movimentos espontâneos que surgem em períodos revolucionários apenas causariam espanto nas massas ou pareceriam tentativas descoordenadas e desesperadas, o que apenas enfraqueceria ainda mais o anarquismo.

Concernente ao papel dos anarquistas, Makhno acredita que esse papel só poderá ser desempenhado satisfatoriamente quando houver homogeneidade e coesão tática e ideológica. Makhno diz que a experiência ensinou-lhe — provavelmente referindo-se a sua experiência nas revoluções — que apenas através de bases organizacionais precisas e responsabilidade coletiva o movimento anarquista conseguirá produzir resultados.

Respondendo a uma questão feita por Malatesta: “Como você quer orientar as massas?”, Makhno diz que a massa trabalhadora é por demais heterogênea para formular propostas congruentes, logo, grupos políticos com orientação ideológica definida são aqueles que podem melhor atender a essa demanda. A fim de prestar esse auxílio às massas, o partido⁷ deve buscar a homogeneidade tática e ideológica e assumir uma forma organizacional efetiva.

No âmbito das realizações práticas, os grupos anarquistas autônomos devem ser capazes, diante de toda situação nova que surgir, de estabelecer os problemas a serem resolvidos e as respostas a serem dadas, sem titubear e

⁷ Aqui se utiliza a noção de partido como explicitada por Malatesta: “Nós, anarquistas, podemos dizer que somos todos do mesmo partido, se pela palavra ‘partido’ entendermos o conjunto dos que estão do mesmo lado, que têm as mesmas aspirações gerais, que de uma maneira ou de outra lutam pelo mesmo fim contra adversários e inimigos comuns” (IL RISVEGLIO, 1927, p. 3).

sem alterar os fins e o espírito do anarquismo (LE LIBERTAIRE, 1930, p. 3-4).

Logo, vê-se que as maiores discordâncias entre os dois intelectuais se dão por entendimentos diferentes sobre os resultados que a aplicação do princípio de responsabilidade coletiva produziria. Makhno entende que é um princípio necessário numa coletividade organizada e imprescindível para o funcionamento eficaz de uma organização anarquista. Já para Malatesta, a responsabilidade coletiva assumiria formas opressivas, sufocando a iniciativa pessoal e produzindo assim resultados nefastos.

3 AS CONTRADIÇÕES DE ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

3.1 “Anarcobolchevismo” e exclusivismo comunista

Este capítulo irá tratar das diferentes concepções de organização política anarquista e suas contradições. O debate da *Plataforma* possui vários aspectos, porém, as principais críticas tratam das formas organizacionais propostas e das diferentes visões dos autores em relação a elas. O debate se dá entre organizacionistas, logo, não se debate, nas fontes selecionadas, a necessidade da organização, mas apenas suas formas. Malatesta alerta também que a necessidade de uma organização não está aberta para debate pois aqueles que são contra a organização acabam sendo organizados por outros, normalmente uma classe dirigente que visa explorá-los (IL RISVEGLIO, 1927, p. 1).

Esta seção irá versar sobre duas críticas contundentes contra o modelo da *Plataforma*: as semelhanças do projeto com o modelo bolchevique ou um suposto “anarcobolchevismo”⁸ e o exclusivismo anarcocomunista, isto é, a tendência excludente da *Plataforma* para com outras correntes do anarquismo.

Os sintetistas acusam a *Plataforma* de ocultar tendências bolcheviques ao longo de toda sua *Resposta*. Ao tocarem sobre o modelo da *Plataforma* em relação à defesa da revolução, os sintetistas criticam a ideia de um exército centralizado. Alertam para o perigo de um exército centralizado tornar-se algo nocivo, que sufoque a revolução ao invés de defendê-la, tomando como exemplo o Exército Vermelho (VOLIN *et al*, 1927, p. 9). Os sintetistas consideram que este tipo de exército teria apenas uma atuação negativa. Na visão dos sintetistas, é nas pessoas que encontramos a solução para a defesa da revolução; se as

⁸ “Anarcobolchevismo” foi um termo pejorativo utilizado por críticos para associar o projeto plataformista aos modelos bolcheviques de organização, não sendo portanto um termo que os plataformistas reivindicaram para si ou que é explicativo das propostas da Plataforma.

peças falharem, não haverá exército centralizado que possa salvar a revolução. E completam:

Discordar desse ponto de vista significa que os problemas da revolução não interessam às massas, exceto como camuflagem política. Essa é a típica concepção bolchevique. Isso leva à seguinte conclusão: a organização principal (a União) que orienta as organizações de massas (operários e camponeses) na sua direção política e é apoiada quando preciso por um exército centralizado não é nada mais que um novo poder político (VOLIN *et al*, 1927, p. 9).⁹

No entanto, é importante notar que a *Plataforma* é um projeto de organização, em sua maioria, pré-revolucionário, isto é, demonstra uma via possível para a criação de uma organização anarquista capaz de preparar a massa trabalhadora para a revolução social. A organização plataformista, desta forma, limita-se ao período anterior ao da revolução e o período imediatamente após sua deflagração. A questão da defesa da revolução ou a formação do exército revolucionário com comando comum não consiste num princípio, mas é antes uma proposição para a guerra civil que os autores entendem como inevitável, ou seja, não deve ser entendida como a proposta de criação de um exército unificado permanente.

É criticada a posição tomada pela *Plataforma* em suas críticas ao centralismo, pois na visão dos sintetistas a própria proposta plataformista tem diversas características centralistas, em sua busca por “dirigir” ideologicamente as organizações e, por fim, as massas. Os sintetistas afirmam que a *Plataforma* “está a apenas um passo do bolchevismo”¹⁰ (VOLIN *et al*, 1927, p. 13) e que as similaridades dos plataformistas com os bolcheviques são “assustadoras”¹¹ (VOLIN *et al*, 1927, p. 13) para os anarquistas russos.

O texto da *Resposta* conclui dizendo que a originalidade da *Plataforma*, entendida aqui de forma negativa, consiste num revisionismo bolchevique e na reafirmação do período de transição. Dizem, ainda, que a *Plataforma* pode até ser aceita por aqueles que não tiveram tanto contato com os acontecimentos da Revolução Russa, mais uma vez reafirmando a *Plataforma* como um projeto semelhante ao dos bolcheviques.

⁹ Tradução livre do trecho: “To disagree with this viewpoint means that the problems of the revolution do not interest the masses except as a political cloak. This is the typically Bolshevik conception. This leads to the following conclusion: a leading organization (the Union) that orients the mass organizations (workers and peasants) in their political direction and is supported as needed by a centralized army is nothing more than a new political Power” (VOLIN *et al*, 1927, p. 9).

¹⁰ Tradução livre do trecho: “They are only one step away from Bolshevism, a step that the authors of the Platform do not dare to take” (VOLIN *et al*, 1927, p. 13).

¹¹ Adaptação da tradução do trecho: “The similarity between the Bolsheviks and the “Platform anarchists” is frightening to the Russian comrades” (VOLIN *et al*, 1927, p. 13).

É importante apontar que, apesar da *Resposta* ser assinada por oito nomes, é entendido por alguns estudiosos que o autor real do documento seria Volin, devido ao estilo da escrita e as constantes referências à Nabat (SKIRDA, 2002). A *Resposta* é, segundo os autores da *Plataforma*, um “documento de calúnia” (DIELO TRUDA, 1927, p. 15), acusação que não é feita a nenhuma outra crítica recebida. Esta probabilidade é relevante pois demonstraria atritos pessoais entre os editores do *Dielo Truda* e Volin. É citada aqui pelo seu potencial de revelar os periódicos como espaços de sociabilidade onde os militantes incluíram também suas desavenças pessoais a seus debates políticos. Logo, como lembrado por Peixoto, em seu estudo sobre a conjuntura de formação dos Partidos Comunistas no Brasil:

Como espaço de sociabilidade, o jornal operário também servia como meio onde eram discutidas as rusgas pessoais travadas entre os militantes no interior da agremiação, ou mesmo fora delas. Intrigas entre militantes de organizações distintas também eram levadas a cabo e discutidas amplamente com espaço à participação os leitores contando, inclusive, com a sugestão dos mesmos para sanar as tão corriqueiras discórdias. Quando trazemos para discussão as disputas e cismas estabelecidos entre operários não objetivamos de forma alguma diluir o caráter unitário do movimento operário brasileiro, apenas queremos mostrar que, como em todas as organizações de caráter político que tratem de interesses comuns, as disputas e as intrigas também entram em cena e se tornam quase que cenas corriqueiras, que também devem ser trabalhadas sem qualquer diminuição de importância (PEIXOTO, 2010, p. 124).

As intrigas pessoais, desta forma, assumem um caráter político dentro do espaço de sociabilidade do periódico, não se separando do contexto do debate político conjuntural, mas fomentando-o. Não é possível, entretanto, alcançar a certeza sobre a autoria da *Resposta*, mas, ainda sim, é digno de nota salientar as nuances e conjecturas adjacentes ao debate.

Luigi Fabbri, importante anarquista italiano de sua época e próximo de Malatesta (ROMANI, 2020), considera, sobre a direção do movimento, que a *Plataforma* pode ser interpretada como a proposta de criar novas classes dirigentes que estariam num “casulo”¹² (IL MARTELLO, 1927, p. 8) acima dos outros trabalhadores, similar aos bolcheviques. Fabbri diz que nesse caso poderia surgir uma ditadura anarquista sobre os trabalhadores não anarquistas, o que seria “uma verdadeira contradição em termos”¹³ (IL MARTELLO, 1927, p. 8). Fabbri considera que a posição da *Plataforma* não iria adicionar nada de novo, e, na realidade, seria um erro adotá-la; Fabbri entende que a liderança ideológica poderia assumir a

¹² Adaptação da tradução de: “[...] That anarchists must in some way create a sort of leading caste which would remain more or less cocooned above the workers' movement” (IL MARTELLO, 1927, p. 8).

¹³ Tradução livre de: “A real contradiction in terms” (IL MARTELLO, 1927, p. 8).

forma de uma liderança real, criando uma separação entre a minoria, orientadora, e a maioria, orientada.

Malatesta e Maximoff são mais taxativos em suas críticas; ainda sobre a questão da defesa da revolução, Malatesta escreve:

Esses companheiros estão obcecados pelo sucesso dos bolcheviques em seu país; como os bolcheviques, gostariam de reunir os anarquistas numa espécie de exército disciplinado que, sob a direção ideológica e prática de alguns chefes, marcharia compacto para o ataque dos regimes existentes, e que, alcançada a vitória material, dirigiria a construção da nova sociedade (IL RISVEGLIO, 1927, p. 9)

Aqui Malatesta expressa uma visão parecida com a dos autores supracitados: de que o exército revolucionário proposto pela *Plataforma* assumiria a forma de um exército permanente com rígida disciplina, referenciando sempre o Exército Vermelho.

Maximoff é aquele que tece mais críticas à *Plataforma* comparando-a com os projetos dos bolcheviques russos. Suas principais críticas giram em torno do modelo organizacional proposto pela *Plataforma* e a relação que ela estabelece entre o movimento anarquista organizado e os sindicatos.

Maximoff entende que o papel do partido, como descrito na *Plataforma*, esconderia que o projeto se aproxima assaz do modelo bolchevique de liderança do partido e que as estruturas da organização são muito similares:

O leitor terá pouca dificuldade em perceber que a estrutura do partido dos bolcheviques russos e do pequeno punhado dos anarquistas-comunistas russos exilados são de fato a mesma. Não há dúvida de que os resultados também seriam os mesmos (GOLOS TRUZHENIKA, 1930, p. 39).

Maximoff considera que é dada muita ênfase à organização por parte da *Plataforma*, e que estaria colocando o partido no mesmo patamar do partido bolchevique. Maximoff acredita que o papel da organização não ficaria reservado apenas à orientação ideológica, mas inevitavelmente acabaria por controlar todos os aspectos da revolução social. E entende que o federalismo citado pela *Plataforma* é apenas uma formalidade, pois para Maximoff trata-se apenas de um “centralismo democrático” (GOLOS TRUZHENIKA, 1930, p. 38).

Sobre os sindicatos, Maximoff expressa que a posição da *Plataforma* frente ao sindicalismo é uma “atitude tipicamente bolchevique” (GOLOS TRUZHENIKA, 1930, p. 40), pois assim como os bolcheviques, os anarquistas estariam lutando para organizar as forças anarquistas num partido, fora do movimento sindical, ou seja, organizar-se visando que

os sindicatos estejam sob o controle do partido. A posição da *Plataforma* é de que o anarcossindicalismo não é suficiente, pois “o anarcossindicalismo não relaciona obrigatoriamente a obra de anarquização do movimento sindicalista com aquela de organização das forças anarquistas fora deste movimento” (DIELO TRUDA, 1926a, p. 22).

Aqui é reforçada a necessidade do dualismo organizacional, organizar-se como trabalhador e também organizar-se enquanto anarquista. Segundo a *Plataforma*, é somente através desse dualismo que a influência anarquista seria expressiva no sindicalismo revolucionário e seria possível impedir oportunismos. Os anarquistas não devem se limitar a criar sindicatos anarquistas, mas sim procurar maximizar sua influência no sindicalismo revolucionário.

Maximoff diz que ambos os bolcheviques e os plataformistas advogam métodos idênticos para conquistar os sindicatos; isto é, subordinar o sindicato ao partido. Questiona também se os métodos da *Plataforma* sobre o papel dos anarquistas nos sindicatos poderiam até mesmo ser chamados de anarquistas, quando são, na realidade, bolcheviques. E segue identificando similaridades entre os programas da *Plataforma* e dos bolcheviques, principalmente na relação da organização com o sindicato. O fato da *Plataforma* pregar uma participação sindical organizada e orientada pelo partido são para o Maximoff evidências suficientes das semelhanças entre os dois modelos; Maximoff declara que o objetivo da *Plataforma* é filiar anarquistas nos sindicatos com “receitas prontas” (GOLOS TRUZHENIKA, 1930, p. 41), desenvolvendo suas atividades ainda que em dissonância com o próprio sindicato.

Maximoff identifica também elementos bolcheviques na proposta de defesa da revolução proposta pela *Plataforma*: “Todos concordam que a revolução social será forçada a se defender. A questão é: como se deve organizar esta defesa? Os autores da *Plataforma* tiram sua resposta dos preceitos dos bolcheviques” (GOLOS TRUZHENIKA, 1930, p. 47). Para Maximoff, as soluções da *Plataforma* têm uma forma tipicamente estadistas e diz que o exército seria subordinado apenas às autoridades, ignorando os trechos da *Plataforma* que tratam da subordinação do exército às organizações de produtores. E julga que a própria estrutura do exército e suas fases, como proposto pela *Plataforma* (em um primeiro momento, destacamentos guerrilheiros, após, um exército unificado), relembra o modelo bolchevique, com seu Exército Vermelho:

Aparentemente ele terá todas as cores do arco-íris bolchevique: ambos o seu caráter de classe e seu serviço voluntário, sua disciplina revolucionária (que

na prática é sempre disciplina militar direta), finalmente a subordinação do exército a uma organização unificada por todo o país, tudo o que já foi demonstrado pelos bolcheviques (GOLOS TRUZHENIKA, 1930, p. 47).

Maximoff critica severamente o projeto plataformista por considerá-lo semelhante ao modelo bolchevique, modelo este que era rejeitado pelos debatedores, em parte devido a suas experiências nas revoluções. São as supostas estruturas organizacionais centralistas e autoritárias expressas na Plataforma que servirão de fomento para as críticas nessa direção.

As críticas ao exclusivismo anarcocomunista, por sua vez, geraram resistência ferrenha nos autores da *Plataforma*. Já no projeto é colocado que o anarquismo é produto da luta de classes, ou seja, das aspirações da classe trabalhadora por liberdade e igualdade frente a um sistema opressivo. Coloca-se, assim, um conteúdo intrinsecamente classista no anarquismo. Como o anarquismo é um movimento das massas trabalhadoras, o anarquismo comunista é, para os autores, o único caminho possível para a plena realização das aspirações das massas (DIELO TRUDA, 1926a, p. 13).

Esta posição não é compartilhada por todos os debatedores. Os sintetistas, Maximoff, Fabbri e inclusive Malatesta têm problemas em relação à ideia do anarquismo ser unicamente um movimento de massas, e, principalmente, do anarquismo comunista ser a única corrente considerada válida.

Os sintetistas entendem que a *Plataforma* assume uma posição negativa em relação aos individualistas e anarcossindicalistas. Para os autores sintetistas, não podemos afirmar que o anarquismo é apenas uma teoria de classes e invalidar quem tenta dar-lhe um caráter humanitário, nem podemos dizer que quem trata de classes está num desvio marxista, muito menos dizer que o anarquismo é algo puramente individual e não tem caráter social. Os sintetistas entendem que o anarquismo é mais plural, rico e complexo do que a *Plataforma* demonstra. Assim, dizer que o anarquismo é apenas uma teoria de classe é limitá-lo. Para os autores da Síntese, o elemento de classe é o elo para lutarmos por liberdade, o elemento humano é o aspecto ético e o individualismo é o objetivo final da humanidade (VOLIN *et al*, 1927, p. 2-3).

Tais ideias conflitam diretamente com o modelo de organização proposto, pois os sintetistas entendem que a criação de uma organização nos moldes da *Plataforma* não apenas não cessará as contradições e disputas com outras ideologias, mas também impedirá uma organização única; a consequência inevitável será a criação de diversas organizações, pois as discordâncias serão inevitáveis. Essas organizações, no fim, despenderão mais energia em

conflito umas com as outras do que trabalhando para a causa anarquista. A *Plataforma* fala de “unidade tática e ideológica”, mas, como essa unidade será alcançada? Pelo método exposto, na visão dos sintetistas, apenas serão criadas mais cisões e desavenças. (VOLIN *et al*, 1927, p. 10).

Luigi Fabbri inicia dizendo que o projeto é sedutor, fazendo elogios à *Plataforma* e seus autores. Porém, diz que não pensa que o projeto deveria ser aceito por organizações anarquistas por conter erros que, num âmbito coletivo, poderiam tornar-se desvios sérios. O autor considera a *Plataforma* “muito ideológica e impraticável”¹⁴ (IL MARTELLO, 1927, p. 2). Fabbri entende que a *Plataforma* é excludente, não apenas com individualistas e antiorganizacionistas, mas também com anarcocomunistas como o próprio Fabbri.

Fabbri considera que excluir o anarcossindicalismo é um grande erro, pois o transformaria num movimento adversário quando, na realidade, é um movimento que pode perfeitamente coexistir com outros, como o anarquismo comunista. Ainda que considere verdade que não é possível conviver com individualistas numa mesma organização, a ideologia não deveria ser descartada; alguns de seus princípios são compatíveis com organizacionistas (autonomia do indivíduo, por exemplo) (IL MARTELLO, 1927, p. 4).

Fabbri compreende que não podemos esperar que a União Geral represente todos os anarquistas quando pretende excluir aqueles que não concordam com sua ideologia, o que faria dela particular e não geral. E alerta para o perigo de considerar-se como um “todo” do anarquismo, agindo injustamente contra outras correntes no processo. Fabbri diz que deve-se evitar o erro que os socialistas autoritários cometeram, de criar um programa e torná-lo um dogma, não aceitando posições contrárias (IL MARTELLO, 1927, p. 5).

Sobre a *Plataforma* pautar o anarquismo na luta de classes, Fabbri entende que este é um dos erros do projeto, pois minimiza o componente humano presente na ideologia. Fabbri diz que o anarquismo existe independentemente da luta de classes; ainda que essa teoria estivesse errada, o anarquismo continuaria a existir, pois ele é definido pela “rejeição de autoridades impostas, de todo governo; é a afirmação do indivíduo e da vida social, organizada numa base libertária”¹⁵ (IL MARTELLO, 1927, p. 6). Mas o anarquismo é, em primeiro lugar, uma ideologia humana, pois busca libertar a humanidade destruindo o sistema

¹⁴ Tradução livre do trecho: “As a programmatic basis for an organization, the ‘Platform’ is too ideological and too impractical” (IL MARTELLO, 1927, p. 2).

¹⁵ Tradução livre de: “The main characteristic of Anarchism is the refusal of all imposed authority, of all government; it is the affirmation of individual and social life, organized on a libertarian basis” (IL MARTELLO, 1927, p. 6).

de classes; a libertação seria tanto no indivíduo como na sociedade. Considerar o anarquismo apenas uma ideologia de classes é um erro grave para Fabbri:

O anarquismo é também uma ideia humana, uma ideia de todos aqueles que, sem exceção, querem destruir todas as formas de autoridade violenta e coercitiva de um homem sobre o outro. Ao subordinar essa ideia a qualquer viés de classe, seja o antigo viés burguês ou o viés proletário mais recente - estaríamos diminuindo-a e, na realidade, preparando o caminho para uma psicologia perigosa que facilitaria a formação (através da revolução) de uma nova dominação de classe (IL MARTELLO, 1927, p. 7).¹⁶

Assim, Fabbri compreende que o fator humano é o mais essencial componente do anarquismo, e que subordinar o movimento anarquista a apenas o aspecto classista não apenas o limitaria como proporcionaria o surgimento de novas classes sociais.

A posição de Fabbri remete, de certa maneira, à de Bravo (1998), pois os dois autores removem do anarquismo sua base classista. No entanto, tratar o anarquismo como uma ideologia pautada unicamente no elemento humano desvincula o movimento de seu elemento de classe, esvaziando seu conceito e dificultando até mesmo uma definição precisa de seu significado. Tal posição acarreta em muitos problemas teóricos:

Apresentar o anarquismo como uma característica universal da sociedade torna difícil explicar seu surgimento em contextos históricos particulares, delinear seus limites ou analisar seu caráter de classe e papel num momento específico. [...] Se agrupamos momentos e movimentos tão radicalmente diferentes sob o título de anarquismo, pouco se pode fazer para identificar a base social do anarquismo ou as razões para sua ascensão e queda em situações específicas (SCHMIDT; VAN DER WALT, 2009, p. 43).¹⁷

Logo, o elemento de classe é importante para conceituar e localizar historicamente o anarquismo. Sem este elemento, precisar o que é o movimento anarquista e no que consistem suas ideias torna-se tarefa complexa, visto que, quando se considera apenas o fator humano, diversos movimentos e ideias heterogêneas podem ser incorporados como parte da ideologia.

Malatesta também protesta contra o exclusivismo anarcocomunista da *Plataforma*, dizendo que se reconhecemos outras tendências devemos dar-lhes liberdade para

¹⁶ Tradução livre de: “Anarchism is also a human idea, the idea of all those, without exception, who want to destroy every form of violent and coercive authority of one man over another. By subordinating this idea to any class bias whatsoever, be it the old bourgeois bias or the more recent workerist bias - we would diminish it and in fact prepare the way for a dangerous psychology which would facilitate the formation (through revolution) of a new class domination” (IL MARTELLO, 1927, p. 7).

¹⁷ Tradução livre de: “Presenting anarchism as a universal feature of society makes it difficult indeed to explain why it arises in particular historical contexts, to delineate its boundaries, or analyse its class character and role at a particular time. [...] If we group such radically disparate moments and movements under the heading of anarchism, we can do little to identify the social basis of anarchism or the reasons for its rise and fall in particular situations” (SCHMIDT; VAN DER WALT, 2009, p. 43).

organizarem-se ou não da forma como melhor lhes aprouver: “Ou pretenderão excluir do anarquismo, excomungar todos os que não aceitam seu programa?” (IL RISVEGLIO, 1927, p. 4). Malatesta faz um questionamento pertinente em sua primeira carta em resposta à *Plataforma*:

Eles dizem que querem “reunir numa só organização” todos os elementos sadios do movimento libertário. Naturalmente, eles tendem a julgar sadios apenas os que pensam como eles. Então, que farão com os elementos que não são sadios? (IL RISVEGLIO, 1927, p. 4).

Malatesta questiona aqui de forma direta o exclusivismo anarcocomunista da *Plataforma*. Evidencia então a possibilidade do quão nocivo pode se tornar o modelo organizacional que pretende fundar-se numa só tendência, excluindo as demais.

Maximoff, por sua vez, questiona se a visão dos autores da *Plataforma* não estaria universalizando uma concepção que não se aplica em todas as sociedades e em todas as épocas:

Se, de fato, a luta de classes fosse universal, então ela sem dúvida teria sido não meramente o mais vital, mas o único fator na evolução da sociedade. O anarquismo não admite um princípio tão monístico. A luta de classes influencia muitos aspectos da vida na sociedade contemporânea, mas isto não significa que ela tem a significância universal designada a ela pela *Plataforma* (GOLOS TRUZHENIKA, 1930, p. 34).

Para Maximoff, há sim uma importância vital na luta de classes para o desenvolvimento e história do anarquismo, porém, atribuir a ela uma posição determinante no curso do anarquismo é um erro. E expressa que não se deve dar ênfase exacerbada ao fator luta de classes, pois existem particularidades das mais variadas que influenciam no grau e forma que tal fator assumirá em determinada sociedade.

Atribuir elementos bolcheviques ao projeto plataformista diz muito sobre a recepção dos debatedores à proposta, vista como autoritária e excessivamente centralizadora, e o modelo organizacional da *Plataforma* é assim rejeitado. O destaque da tendência anarcocomunista é visto pelos debatedores como uma exclusão das demais correntes, impossibilitando uma organização eficaz e que reúna o maior número de militantes anarquistas ativos. Tal visão excludente tornaria impraticável este modelo de organização anarquista, por centrar o anarquismo na luta de classes e descartar o fator humano que, para alguns debatedores, seria tão essencial quanto o fator classista. Assim, estas críticas demonstram alguns aspectos que dispuseram os debatedores contra o modelo organizacional

da *Plataforma*, explicitando as contradições de concepção existentes no debate em questão.

3.2 Os diferentes modelos de organização política anarquista

Nesta seção serão apresentados alguns modelos de organização anarquista identificados nas críticas à *Plataforma*. Foram selecionados os autores com os modelos mais discrepantes daqueles da *Plataforma*, a fim de explicitar as contradições nas concepções de modelos de organização política anarquista presentes no debate.

Sobre a estrutura proposta pela *Plataforma*, Maria Isidin faz críticas ao modelo proposto, pois entende que se trata de uma organização hierárquica, controlada pelo Comitê Executivo e que seria um obstáculo às iniciativas individuais e coletivas.

À primeira vista, essa “organização” parece ser a certos espíritos uma coisa muito prática. Mas, na realidade, tais regras (se os meios anarquistas mostrassem-se capazes de submeter-se a elas) acabariam por matar completamente o movimento (PLUS LOIN, 1928, p. 5).

Para Isidin, o anarquismo precisa não de novas formas de organização, mas sim de “um programa concreto e bem definido do trabalho a fazer no momento em que, após uma revolução vitoriosa, todas as iniciativas serão permitidas na obra criadora da nova sociedade” (PLUS LOIN, 1928, p. 6). Isidin identifica que um dos erros da *Plataforma* é que o projeto busca unir grupos visando acabar com a debilidade do movimento, ao invés de passar essa tarefa aos próprios grupos que buscam unir. É dada ênfase aos grupos que compõem a organização que, para Isidin, constituem o centro de gravidade do movimento (PLUS LOIN, 1928, p. 7).

Isidin propõe, em suma, que a organização descentralizada é mais eficaz em lidar com os diversos problemas que podem surgir no seio do movimento. Isidin entende que o Comitê Executivo teria dificuldade em desempenhar funções como identificar os elementos indesejáveis e se certificar que as ações de todos estejam conforme os princípios professados pela União, tarefa que pequenos grupos desempenhariam com naturalidade (PLUS LOIN, 1928, p. 9).

Isidin questiona se seria ideal que houvesse camaradas de diversas tendências numa mesma organização. É questionada também a ideia sintetista, fazendo a ela críticas similares às feitas pelo Grupo de Anarquistas Russos no Estrangeiro: que uma união do tipo sintetista seria “puramente formal” (PLUS LOIN, 1928, p. 8). Novamente tratando das vantagens dos pequenos grupos, Isidin diz que um grupo com consistência interna e sem mais discordâncias

fundamentais pode transformar-se num grupo bastante influente, mesmo que não seja numeroso (PLUS LOIN, 1928, p. 8). E expressa concordância com a necessidade de unidade tática e ideológica, porém, discorda quanto a necessidade de agregar todos numa mesma organização e acha que pequenos grupos seriam mais eficientes, além de considerar benéfico a existência de diferentes grupos com diferentes opiniões (PLUS LOIN, 1928, p. 8).

Isidin fala sobre como o laço entre os grupos é totalmente livre e derivado da necessidade de cada grupo; nenhum centro ou comitê deveria ditar com quem ou quando os grupos devem unir-se ou não. Isidin cita o funcionamento dos congressos anarquistas, que funcionam por democracia direta da circunferência para o centro e de baixo pra cima, de indivíduos também poderem participar (enquanto indivíduos) e as contagens de votos serem apenas para fins estatísticos. Isidin crê que quanto maior liberdade, maior responsabilidade moral. E apresenta posições que relembram o princípio de responsabilidade coletiva, onde “cada membro do grupo é responsável pela ação desse grupo inteiro – “ainda mais responsável, porque as resoluções são tomadas de comum acordo” (PLUS LOIN, 1928, p. 10), assim como a organização é responsável pelas ações dos membros, pois os recrutou com seletividade.

Assim, o modelo expresso por Isidin seria aquele de uma organização descentralizada e federada, tendo como princípio máximo a autonomia de iniciativa e de ação e a responsabilidade coletiva entre os membros. No entendimento de Isidin, os pequenos grupos são mais eficazes em desempenhar tarefas orgânicas, tarefas que uma organização política estruturada do tipo plataformista encontraria grandes dificuldades em realizar. Isidin rejeita, ao mesmo tempo, o modelo plataformista e o modelo sintetista, se aproximando da ideia de pequenos grupos de afinidade.

Para Malatesta, os princípios de autonomia e liberdade são os mais essenciais ao falarmos de organizações políticas. Malatesta é ferrenho defensor da necessidade de organização, demonstrando seu ponto de vista nos documentos que integraram o debate (IL RISVEGLIO, 1927). Para Malatesta, os princípios bases para a criação de qualquer organização anarquista devem ser: autonomia; responsabilidade moral; livre acordo; dever para com os compromissos e decisões acordados; ação de acordo com o programa aceito pelos integrantes. (IL RISVEGLIO, 1927, p. 7-8).

Assim, sobre estes princípios, Malatesta diz ser possível organizar-se com instrumentos que facilitariam a coordenação das atividades, citando federações, congressos e comitês: “Mas tudo isso deve ser feito livremente, de forma que o pensamento e a iniciativa

dos indivíduos não sejam obstruídos, e apenas para dar maior eficácia às tentativas que, isoladas, seriam impossíveis ou inoperantes” (IL RISVEGLIO, 1927, p. 8). Os congressos, para Malatesta, são ótimos instrumentos para a organização desde que não estejam imbuídos de poderes nem de autoridade:

Servem para manter e ampliar as relações pessoais entre os companheiros mais ativos, para resumir e incentivar o estudo de programas e meios de ação; para informar sobre a situação das várias regiões e a ação mais urgente em cada uma delas; para formular as diversas opiniões correntes entre os anarquistas e fazer uma espécie de estatística delas, e suas decisões não são regras obrigatórias mas sugestões, recomendações, propostas que serão submetidas a todos os interessados, não devem ser obrigatórias exceto para aqueles que as aceitarem e enquanto as aceitarem (IL RISVEGLIO, 1927, p. 8).

Aqui Malatesta expressa uma ideia semelhante à de Isidin, de que os congressos não devem ditar decisões para a base, mas ter funções estatísticas e informativas, além de que as decisões não devem ser obrigatórias para aqueles que não concordam com elas.

A seguir, Malatesta elenca funções que os órgãos executivos devem ter, em sua opinião: os comitês não devem ter poder deliberativo nem diretor, não devem possuir autoridade hierárquica ou compulsória e não devem tomar iniciativas por conta própria, desligados de sua base (IL RISVEGLIO, 1927, p. 8). Funções estas muito similares às propostas pela *Plataforma*, onde o Comitê Executivo não delibera, mas apenas executa as decisões tomadas pela base a fim de facilitar a gestão e coordenação de todas as atividades da União (DIELO TRUDA, 1926b, p. 5).

Malatesta considera que numa organização anarquista ideal a autonomia é um dos fatores principais. Os membros devem poder expressar livremente suas opiniões e utilizarem-se de táticas e ações mais diversas, desde que tais ações não prejudiquem a organização e outros membros e estejam de acordo com o programa aceito. Malatesta diz aceitar a visão de que aqueles que se unem com um objetivo comum devem respeitar acordos e coordenar suas atividades com os outros membros, podendo sofrer pena de expulsão caso tais deveres não sejam cumpridos (IL RISVEGLIO, 1929b, p. 2).

Para Malatesta, a organização anarquista deve ser um conjunto de indivíduos livres para expressarem suas ideias e vontades, porém, sempre observando os acordos coletivos e respeitando as decisões tomadas. É uma organização estruturada, porém não rígida, que permite aos membros a possibilidade de iniciativa e relega ao Comitê Executivo, ou secretariado, apenas funções executivas e facilitadoras da comunicação entre os membros da

organização.

Já Maximoff crê que, antes de pensar-se em organização, o anarquismo precisa passar pelo processo de fragmentação de ideias em correntes. Maximoff crê que a uniformidade e unidade buscada tanto pela *Plataforma* quanto pelos sintetistas seria pouco benéfica. Assim, ao falar da evolução histórica do socialismo:

É nossa convicção profunda de que o anarquismo, também, deve passar por uma evolução similar. A uniformidade pela qual tanto a Plataforma quanto a Resposta lutam, cada uma à sua maneira, não é possível. O resultado não seria anarquismo, mas anacronismo (GOLOS TRUZHENIKA, 1930, p. 32).

Após esse processo, seria possível pensar em uma proposta de unificação; para isto, Maximoff utiliza como exemplo a Associação Internacional dos Trabalhadores¹⁸, possibilitada pela criação de organizações nacionais com programa homogêneo. Maximoff diz que os agrupamentos desejosos de integrar a Internacional aceitavam o programa da organização, mas conservavam sua autonomia para aplicarem seus próprios programas de acordo com as particularidades de cada região; o federalismo foi essencial nesse processo. Para o autor, o princípio de autonomia é o mais essencial quando pensamos em organizações políticas anarquistas e deve ser o condutor de todas as atividades desenvolvidas dentro das mesmas (GOLOS TRUZHENIKA, 1930, p. 33).

Maximoff retira muito de sua inspiração dos anarcossindicalistas russos, principalmente em suas propostas relativas aos problemas construtivos da revolução, como a distribuição de bens e alimentos — para este autor, o modelo ideal seria o de cooperativas de trabalhadores, transformadas em órgãos da massa trabalhadora para organizar a produção e distribuição. Na proposta de defesa da revolução, mais uma vez Maximoff toma emprestado as ideias anarcossindicalistas: Para Maximoff, a solução está “no princípio da mobilização geral do povo trabalhador, como proposto pelos anarcossindicalistas russos” (GOLOS TRUZHENIKA, 1930, p. 47).

Maximoff demonstra, similar a Isidin e Malatesta, que o princípio da autonomia é o mais desejável para a construção de uma organização política. As discordâncias com a Plataforma se dão pelo entendimento dos autores citados de que a proposta plataformista iria

¹⁸ A Associação Internacional dos Trabalhadores ou Primeira Internacional foi uma organização operária do século XIX, a primeira que se propôs a transpor as barreiras territoriais e reunir diferentes correntes do movimento dos trabalhadores. Foi palco de diversas disputas ideológicas, principalmente entre comunistas e anarquistas, personificadas em Karl Marx e Mikhail Bakunin. Estas disputas resultaram na expulsão de Bakunin e de outros anarquistas da Internacional. Para Eric Hobsbawm, tais embates desgastaram a organização, pois: "Suas batalhas ideológicas iriam eventualmente arruiná-la" (HOBSBAWM, 2012, p. 125).

obstaculizar a livre iniciativa e autonomia dos membros da organização, devido ao suposto caráter centralizador e autoritário do projeto da *Plataforma*.

Tais críticas surgem principalmente por dois pontos: a proposta da criação de um exército unificado para lutar na guerra civil pós-revolução e a proposta da criação do Comitê Executivo. Porém, é possível dizer que tais críticas decorrem de uma incompreensão do projeto plataformista. A ideia do exército revolucionário unificado parte das experiências dos veteranos das Revoluções Russa e Ucraniana e não tem a pretensão de se tornar permanente; o Comitê Executivo teria as mesmas funções de um “Secretariado Principal da União” (DIELO TRUDA, 1926b, p. 5). Logo, é possível que as contradições entre os modelos organizacionais se dessem mais por problemas de tradução ou incompreensão, pois o próprio documento afirma o caráter federalista e antiautoritário do projeto. A *Plataforma*, porém, sofre de falta de clareza em diversas formulações, deixando aberta a possibilidade de seus postulados serem interpretados das mais diversas formas.

Foi possível observar diversas críticas de naturezas aparentemente diversas, como, por exemplo, a crítica ao exclusivismo anarcocomunista, responsabilidade coletiva, ao caráter de papel dirigente da organização anarquista, decisões por maioria e centralismo. No entanto, é possível dizer que tais críticas possuem um princípio em comum que as orienta numa mesma direção.

Neste sentido, a raiz da principal crítica à *Plataforma* pode ser entendida como a repressão da autonomia, sendo a autonomia o principal princípio norteador dos modelos ideais de organização política anarquista para os debatedores analisados neste estudo. O princípio de autonomia liga-se às críticas de exclusivismo, pois uma organização única com uma única orientação ideológica marginalizaria as outras formas de organização não ligadas à União, impedindo sua plena atuação; liga-se à responsabilidade coletiva, pois, como já foi citado por Malatesta, tal princípio minaria a iniciativa individual; liga-se também às críticas de papel dirigente, pois uma organização com hierarquias sufocaria a autonomia de seus membros; às decisões por maioria, pois acarretaria na representação de apenas uma minoria e os membros teriam que acatar decisões com as quais não concordam; e à centralização, pois uma organização descentralizada daria mais espaço para a iniciativa individual.

Assim, a autonomia parece ser o princípio estruturante de diversas críticas à *Plataforma*. As acusações de “anarcobolchevismo” surgiram, em grande parte, devido ao suposto caráter centralizador da *Plataforma*, principalmente no que tange à organização do exército revolucionário, logo, incluiu-se esta crítica juntamente com as relativas à

centralização. As críticas à *Plataforma*, desta maneira, parecem estar orientadas no sentido da busca pela autonomia e de criar organizações políticas anarquistas que maximizem a autonomia de seus membros.

3.3 A organização política sintetista

O modelo sintetista de organização anarquista é, de certa forma, o que mais se opõe àquele proposto pela *Plataforma*. Nesta seção serão explorados no que consiste o modelo sintetista e quais são as principais diferenças entre este e o modelo plataformista.

A *Síntese* anarquista é um modelo de organização política anarquista proposta por intelectuais como Sébastien Faure e Volin. Volin, cujo nome verdadeiro é Vsevolod Mikhailovich Eichenbaum, se envolveu ainda muito jovem com atividades revolucionárias, sendo preso e posteriormente fugindo para a França em 1907. Juntou-se ao Exército Insurgente em 1919, participando do setor educativo do movimento. Posteriormente escreveria um relato do movimento makhnovista, *A revolução desconhecida* (ROCKER, 2019).

Volin define a síntese, em documento datado de 1934, como a tendência que busca reconciliar e sintetizar as diferentes correntes anarquistas que dividem o movimento em grupos afrontosos entre si:

Designamos por síntese anarquista uma tendência hoje presente no seio do movimento libertário, buscando reconciliar e, em seguida, sintetizar as diferentes correntes de idéia que dividem esse movimento em várias frações mais ou menos hostis umas às outras (VOLIN, 1934, p. 1).

Ou seja, um movimento que busca reunir através de uma síntese teórica as correntes anarquistas, e que identificam como três: individualismo, anarcossindicalismo e anarcocomunismo. Volin diz que a intenção é unificar o movimento anarquista de maneira harmoniosa, sem tomar tal reunião como algo monolítico e imutável, pois para Volin o anarquismo é uma analogia à própria vida, que deve ser múltipla e rica em ideias (VOLIN, 1934, p. 5).

Volin compreende que, inicialmente, no desenvolvimento do anarquismo, a fragmentação em diversas correntes foi benéfica para o movimento, pois ajudou a fomentar discussões e a enriquecer a teoria. No entanto, passado esse momento inicial, é necessário reconstituirmos o todo orgânico ao qual as ideias pertencem. A fragmentação em correntes

teve sim um papel fundamental, mas já não mais o exerce; pelo contrário, tem sido nociva à expansão do anarquismo (VOLIN, 1934, p. 3).

Volin inicia sua analogia do anarquismo com a vida, que para o autor representa o maior exemplo de uma síntese bem realizada: a vida seria uma síntese, unindo elementos num conjunto imenso, diverso e plural. A síntese da vida se dá pela grande variedade de elementos que a compõem juntamente com um equilíbrio entre suas partes, que constituem um todo harmônico (VOLIN, 1934, p. 5).

Volin considera a síntese não apenas possível, mas vital. Para Volin, tanto a variedade e o equilíbrio são necessários a uma síntese bem sucedida: “A diversidade e o movimento sem equilíbrio, é o caos. O equilíbrio sem diversidade nem movimento, é a estagnação, a morte” (VOLIN, 1934, p. 5).

Volin diz ser preciso encontrar pontos em comum entre as correntes, assim como aqueles pontos em que as ideias anarquistas fundamentais não são contempladas, e então combinar estes elementos e formar um todo sintético. Nesse processo a ajuda mútua e a solidariedade poderiam ter um papel decisivo. A ideia é criar um “conjunto de teses fundamentais aceitas por todos” (VOLIN, 1934, p. 7). Volin propõe então a criação de uma organização unificada, paralelamente ao processo síntese bem sucedida.

Tal organização seria fundada a partir do papel exercido pelos anarquistas. Sobre o papel dos anarquistas, Volin diz:

Nunca devemos esquecer que a realização da revolução, que a criação das novas formas da vida incumbirão não a nós, anarquistas isolados ou agrupados ideologicamente, mas às vastas massas populares que, só elas, poderão realizar essa imensa tarefa destrutiva e criadora. Nosso papel, nessa realização, limitar-se-á àquele de um fermento, de um elemento de apoio, de conselho, de exemplo (VOLIN, 1934, p. 6).

Aqui fica evidente uma das maiores diferenças entre os plataformistas e sintetistas, isto é, o papel político dos anarquistas na construção da revolução social. Enquanto os sintetistas pregam que os anarquistas devem assumir um papel de auxiliares e educadores das massas, os plataformistas acreditam que os anarquistas devem guiar os acontecimentos. É no papel político que reside uma das principais diferenças entre as duas teorias, sendo os sintetistas educacionistas e os plataformistas orientadores das massas.

Para Faure, um movimento que se diz antiautoritário deveria acolher as diferenças, que são naturais considerando as particularidades e multiplicidade existentes no meio social. As três correntes desempenham, cada uma, um papel e missão importantes que devem ser

reconhecidas. Faure acredita que as três correntes são diferentes, mas que não são necessariamente contraditórias, e não há evidências de incompatibilidades insuperáveis; pelo contrário, a existência das três correntes fortalece o anarquismo. Faure compara a existência das três correntes com um elemento químico composto, que combina vários elementos, dando até mesmo uma fórmula possível: “AS.2, CL.2, AI.2” (FAURE, 1928, p. 4), cujas siglas representariam as três correntes — anarcossindicalismo, comunismo libertário e anarcoindividualismo. A dose desses elementos variaria de acordo com as situações e o decorrer dos acontecimentos. A dose desses elementos variaria de acordo com as situações e o decorrer dos acontecimentos.

No entanto, as disputas internas dessas três correntes têm, no entendimento do autor, enfraquecido o movimento anarquista: “Cada corrente tem cuspidado, babado e vomitado em suas correntes vizinhas, com a finalidade de sujá-las e fazer crer que a única limpa é a sua” (FAURE, 1928, p. 5). Faure entende que se a energia gasta em disputas internas tivesse sido utilizada contra o inimigo em comum, o movimento anarquista estaria em um novo patamar.

Faure afirma que sua ideia de síntese não é nova: já houve tentativas nesse sentido em outros países, como na Itália e na Nabat ucraniana, que segundo o autor foram tentativas bem sucedidas, derrotadas apenas por forças maiores — fascismo na Itália e bolchevismo na Rússia. Faure afirma que na França também existem grupos que aplicam a síntese onde as correntes trabalham em harmonia (FAURE, 1928, p. 5).

Na *Resposta à Plataforma*, os sintetistas criticam duramente a *Plataforma*, que consideram estar organizada como um partido centralizado. É entendido que é importante criar uma organização, e essa é uma das tarefas mais urgentes, mas não nos moldes plataformistas. Para os sintetistas, a *Plataforma* expressa a ideia que a necessidade de dirigir as massas está ligada diretamente a um partido, um programa determinado, controle do movimento dos trabalhadores e direção política das organizações criadas para lutar contra os contrarrevolucionários. Na visão dos sintetistas, a estrutura da *Plataforma* consiste em: no nível mais alto, o partido; mais abaixo, as organizações chefiadas pela União; mais abaixo, as organizações de base que lutam contra a contrarrevolução, o exército e, por fim, as massas. (VOLIN *et al*, 1927, p. 4).

O trecho a seguir foi motivo de confusão entre os debatedores. Na Resposta, é declarado que o caráter de período de transição da Plataforma se revela em alguns segmentos do projeto, como, por exemplo, a autoridade exercida pelo Comitê, que os sintetistas dizem que irá deliberar e decidir a questão em caso de discordâncias. Além disso, citam a

subordinação do exército aos órgãos de trabalhadores como um exemplo evidente da aceitação do período de transição, afirmação que os autores da *Plataforma* mais tarde se referem como “um enigma impenetrável” (DIELO TRUDA, 1927, p. 12).

Os sintetistas buscam se distanciar do projeto da *Plataforma*, afirmando que enquanto a *Plataforma* apresenta a necessidade de “dirigir” a classe trabalhadora, o que implica num período de transição e da introdução da noção de poder, os sintetistas consideram que a ação da massa é o núcleo da revolução, que deve ser atingida livremente pela obra da própria massa trabalhadora (VOLIN *et al*, 1927, p. 4).

Sobre a defesa da revolução, os sintetistas identificam um erro técnico em relação à *Plataforma* expressar que o exército deve ter um comando comum, que é entendido pelos sintetistas como centralização e que pode ter consequências catastróficas. Os sintetistas evidenciam que o oposto também é incorreto, isto é, forças descoordenadas e desconectadas também não são efetivas na defesa da revolução. Consideram assim que um exército centralizado é ineficiente pois não leva particularidades locais em consideração, acaba com a iniciativa individual e cede sob o peso do aparato (VOLIN *et al*, 1927, p. 8).

Os sintetistas compreendem, porém, que há sim necessidade de luta armada organizada no período pós revolucionário, principalmente no período de inevitável guerra civil, mas que o comando não deve ser centralizado. Como exemplo, trazem as experiências dos exércitos camponeses durante a Guerra Civil Russa, que muitas vezes tinham mais mobilidade e efetividade no ataque do que o Exército Vermelho (VOLIN *et al*, 1927, p. 8).

Sobre a organização política anarquista, os sintetistas consideram que as questões mais relevantes são “o método de estabelecer uma organização, seu objetivo, sua essência e sua forma”¹⁹ (VOLIN *et al*, 1927, p. 9). Com a criação de uma organização política, os sintetistas veem que será necessário empregar energias para aprofundar e fundir as ideias anarquistas. Assim, as contradições no campo da teoria devem ser minimizadas. O trabalho organizativo deverá ser feito ao longo da sistematização e agregação de ideias. Para tal:

Nós acreditamos que o primeiro passo em direção à unidade no movimento anarquista, de maneira a atingir uma organização séria, é o trabalho ideológico coletivo numa série de problemas importantes que buscam a solução coletiva mais clara possível (VOLIN *et al*, 1927, p. 11).²⁰

¹⁹ Tradução livre de: “The questions arise when we consider the creation of an organization: the method of establishing an organization, the aim and essence of an organization, and its form” (VOLIN *et al*, 1927, p. 9).

²⁰ Tradução livre de: “We believe that the first step toward achieving unity in the anarchist movement which can lead to serious organization is collective ideological work on a series of important problems that seek the clearest possible collective solution” (VOLIN *et al*, 1927, p. 11).

Passam então os sintetistas a listar algumas questões práticas para as quais dizem não ter respostas satisfatórias: violência, período de transição, o papel das organizações, a relação entre comunismo e o indivíduo, entre outras. Como resolver essas questões? É sugerido que seja criado um órgão ou revista em todos os países para discussão de todas essas questões essenciais, pois esse seria o melhor caminho para alcançar homogeneidade ideológica e, por fim, a organização. O princípio de tal órgão seria a condição de que todas as tendências e opiniões tivessem a possibilidade de se expressar e fossem representadas (VOLIN *et al*, 1927, p. 11).

O Grupo de Anarquistas Russos no Estrangeiro rechaça a ideia da criação de um periódico para discussão, pois tal já existiu no passado e apenas iria contribuir para a confusão da massa trabalhadora. Além disso, as divergências se dão mais pelas “diferenças essenciais que existem entre eles do que à falta de um periódico para discussão” (DIELO TRUDA, 1927, p. 13). Além disso, criticam a síntese de maneira geral:

Não é a mistura universal, mas, ao contrário, a seleção das forças saudáveis anarquistas e sua organização em um partido anarquista-comunista que é indispensável ao movimento; não a síntese caótica, mas a diferenciação e o aprofundamento da ideia anarquista para conduzir a um programa homogêneo do movimento. Só essa via pode reforçar e fortalecer o movimento nas massas trabalhadoras. (DIELO TRUDA, 1927, p. 14)

Aqui os autores da *Plataforma* refazem suas críticas ao modelo da síntese, pois entendem que, a síntese, de forma prática, não resultaria em nada além de uma reunião mecânica de indivíduos com diferentes pensamentos, o que dificultaria sua ação coletiva.

Sobre o caráter das organizações anarquistas, os sintetistas dizem que o objetivo das organizações é largamente determinado por sua forma. Repetem então suas críticas a *Plataforma*, dizendo que para o projeto o objetivo da organização anarquista é dirigir as massas, assim como gerenciar todas as atividades da revolução social. E alertam que citar “dirigir” seguido de “ideologicamente” não muda de maneira significativa a posição adotada pela *Plataforma* (VOLIN *et al*, 1927, p. 12).

Os sintetistas criticam mais uma vez os postulados da *Plataforma*, dizendo que apesar da tentativa da *Plataforma* de esconder a realidade, a concepção de organização plataformista se assemelha a de qualquer outro partido político, tendo um Comitê Executivo que deverá assumir as funções de dirigir ideologicamente e organizar todas as organizações componentes de acordo com a linha tática e ideológica da União. Os sintetistas consideram que tal forma organizacional é incompatível com o federalismo, que requer autonomia das bases. Finalizam

dizendo, sobre o debate da *Plataforma*: “No entanto, nós pensamos que essa ‘aceitação’ não vai durar muito. Estamos convencidos que a discussão da Plataforma vai ajudar a esclarecer alguns dos mal entendidos”²¹ (VOLIN *et al*, 1927, p. 13).

Assim, a interpretação da Síntese é de que existem lutas internas que prejudicam o anarquismo; enquanto os plataformistas propõem uma organização única com um programa homogêneo baseado no anarquismo comunista, os sintetistas irão propor uma fusão teórica das correntes de forma a construir um programa comum que abarque características das três tendências. Uma das principais diferenças entre as duas propostas se dá não na questão de haver ou não necessidade de organização, algo que é aceito por quase todos os debatedores, mas sim na estrutura que tal organização deverá assumir:

[...] Há um debate que tem como foco o modelo dessa organização, envolvendo questões como nível de afinidade teórica, ideológica e estratégica/programática, critério de ingresso e grau de autonomia dos membros. Destacam-se duas posições principais, com algumas variações entre os modelos. A primeira, de um modelo de organização flexível, insiste na necessidade de agrupar o maior número possível de anarquistas, ainda que com diferentes posições estratégicas. A segunda, de um modelo de organização programática, prioriza, entre os anarquistas, aqueles que possuam maiores afinidades políticas e estratégicas (CORRÊA, 2015, p. 228).

Desta forma, para os sintetistas, uma organização flexível, múltipla e plural, que una teoricamente todas as tendências anarquistas e contemple a todos; tal organização, porém, como reiterado por diversos de seus críticos, corre o risco de tornar-se mecânica, pois uma síntese teórica não é uma tarefa tão simples quanto seus criadores podem fazer crer. Para os plataformistas, uma organização programática, com uma União Geral, que reúna o maior número de militantes anarquistas ativos sob um programa e tática comuns, algo que seus idealizadores consideram indispensável para o bom funcionamento de uma organização; no entanto, é possível que este tipo de organização assuma formas opressivas ou centralizadas quando em contato com a realidade. Assim, o Sintetismo e a proposta da *Plataforma* propõem dois modelos opostos de organização política anarquista, um modelo pautado na fusão de correntes e num caráter educacionista das massas e outro na união baseada unicamente no anarquismo comunista, além de propor uma organização que oriente ideologicamente as massas rumo à revolução social.

²¹ Tradução livre de: “However, we think that the ‘acceptance’ will not last long. We are convinced that discussion of the Platform will help clear up some of the misunderstandings” (VOLIN *et al*, 1927, p. 13).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como enfoque as críticas à *Plataforma Organizacional da União Geral dos Anarquistas*, projeto publicado pelo periódico *Dielo Truda*. Iniciou-se este estudo apresentando como problemática a identificação dos princípios estruturantes das críticas à *Plataforma*, visando analisar como estes princípios orientam os modelos de organização política dos debatedores. No primeiro capítulo, optou-se por criar um panorama geral da discussão, apresentando a *Plataforma* e suas premissas essenciais para assim poder estabelecer as principais críticas ao projeto. Tratou-se, inicialmente, a título de introdução, de três tipos principais de críticas: as causas do fracasso do anarquismo como fator preponderante no movimento da massa trabalhadora, o papel dos anarquistas no movimento social mais amplo e as decisões pelo princípio da maioria. Aqui, foi visto que as discordâncias se davam em muitos níveis, passando pela questão das razões do fracasso do anarquismo, que alguns debatedores entendiam como oriundas da repressão ou até mesmo de um processo inacabado de fragmentação teórica, assim como pela questão das decisões por maioria, onde Malatesta e Isidin traçam duras críticas a um modelo majoritário, pois entendem que este, no fim, geraria intrigas eleitoreiras e acabaria por representar apenas uma minoria. Como último item, tratou-se da responsabilidade coletiva, debate entre Malatesta e Makhno onde os dois intelectuais expressam opiniões contrárias sobre o princípio, com Makhno compreendendo-o como necessário a um bom funcionamento de uma organização política e Malatesta o vendo como nocivo a qualquer grupo que se proponha a ser igualitário.

No segundo capítulo, foi abordado especificamente a questão dos modelos de organização política anarquista. Afim de evidenciar que os modelos propostos eram descentralizados e plurais, no primeiro item foram abordadas as críticas à *Plataforma* enquanto um projeto similar ao dos bolcheviques ou “anarcobolchevista” e a questão do exclusivismo anarcocomunista, isto é, o fato de o projeto plataformista postular que para uma organização política anarquista ser eficiente ela deve ter unidade ideológica e que o anarquismo comunista seria a ideologia sobre a qual deveria ser fundada a União Geral. Aquele que faz mais críticas a respeito do suposto “anarcobolchevismo” é Maximoff, principalmente por ser ligado ao anarcossindicalismo e entender que a *Plataforma* pregava uma alienação dos trabalhadores de seus sindicatos, passando eles a serem subordinados apenas ao partido. Em relação ao exclusivismo, os sintetistas ainda são seus principais críticos, pois pregam uma organização oposta a dos plataformistas, aberta a todas as

tendências. Após, são analisados alguns modelos de organização anarquista a partir das críticas feitas pelos seus autores. De modo geral, a partir dos documentos selecionados, identificou-se que os autores não discutem a necessidade ou não de uma organização, mas apenas debatem suas formas e seus objetivos. É precisamente a forma da organização que passa a ser delineada pelas críticas realizadas à *Plataforma*.

Nesta seção, identificou-se especialmente em três autores quais premissas devem guiar o que consideram como sendo organizações anarquistas ideais. Malatesta considera juntamente com a autonomia o princípio da liberdade como preponderante para estruturar uma organização anarquista bem sucedida, onde seus membros teriam iniciativa individual, liberdade de opinião e expressão e utilização de estratégias diversas. Malatesta, porém, reforça certa necessidade de estrutura organizacional, onde acordos coletivos devem ser cumpridos e as ações coletivas coordenadas; logo, uma organização estruturada, mas não inflexível. Isidin, por sua vez, enfoca na questão da descentralização e na organização em pequenos grupos, considerando que são grupos mais orgânicos e que conseguem realizar com facilidade tarefas que um Comitê Executivo teria dificuldade, como verificar a conduta dos membros da organização. Isidin considera que os pequenos grupos são o centro de todo o movimento social e que não há maiores vantagens em reunir todos em uma única organização. Descentralização e autonomia são, assim, suas bases de modelo de organização. Maximoff identifica na Associação Internacional dos Trabalhadores um possível modelo para organizações políticas, onde é aceito um programa homogêneo, mas os grupos conservam sua autonomia para a aplicação deste programa. É citado também o federalismo, essencial para Maximoff para a construção de qualquer organização política anarquista.

O presente trabalho se encerra abordando a questão da oposição entre *Plataforma* e *Síntese*, primeiramente apresentando os fundamentos teóricos da *Síntese* e contrastando-os com aqueles da *Plataforma*. Evidenciou-se as diferenças no caráter das propostas (a *Síntese* sendo educacionista e a *Plataforma* sendo orientadora), as visões do papel dos anarquistas e, finalmente, da própria estrutura mesma das organizações. Enquanto os sintetistas vão advogar por uma organização que abarque todas as tendências e as sintetize, ou seja, realize uma fusão teórica das mais diferentes visões, os plataformistas dirão que é necessário ter um programa homogêneo baseado numa tendência única e que esse programa deve ser comum a todos os membros da organização.

Assim, no decorrer do estudo, tendo em mente identificar os princípios que estruturam os modelos de organização presentes nas críticas à *Plataforma*, observou-se que a maioria dos

debatedores trabalha com o conceito de autonomia. A autonomia perpassou quase todas as críticas feitas ao projeto plataformista, demonstrando que a principal crítica ao projeto, possa, talvez, ser resumida à supressão da autonomia por parte dos plataformistas. A autonomia demonstrou ser um dos princípios de maior envergadura nos autores analisados. A partir desse princípio, portanto, os modelos de organização identificados foram os modelos descentralizados, reduzindo as hierarquias e portanto maximizando a autonomia; plurais, onde todas, ou, no mínimo, várias tendências anarquistas possam participar da organização, representando assim o maior número de opiniões; e estruturados no federalismo, modelo organizacional onde as organizações são construídas de baixo pra cima e da circunferência pro centro. Destes modelos, segundo os debatedores, a *Plataforma* apenas expõe em comum uma estrutura federalista, o que é inclusive repreendido por alguns participantes do debate, que acreditam que o federalismo expresso na Plataforma não se adequaria com o restante da proposta.

Este estudo procurou realizar apenas uma discussão sobre a questão da organização política anarquista no início do século XX, trabalhando com as diferentes visões presentes no debate da *Plataforma*. No entanto, é necessário apontar algumas restrições enfrentadas durante a pesquisa. Por se tratar de documentos e jornais anarquistas internacionais da década de 1920 e 1930, o acesso à documentação original é deveras complexo; adiciona-se a isso a barreira linguística, onde mesmo com o acesso aos originais, seria necessária a fluência em ucraniano, francês e russo. O acesso à documentação utilizada para este trabalho se deu através de traduções disponibilizadas no site do Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA), porém, em caso de interesse, reitera-se aqui a importância de trabalhar a documentação em sua língua original. Neste caso, existem edições originais do *Dielo Truda* disponibilizadas para consulta pelo repositório Internet Archive²², em língua e diagramação originais. Munido destes originais, é possível realizar, por exemplo, um estudo a fim de analisar a Parte Organizacional da Plataforma, comparando-a, talvez, com o programa da Confederação Revolucionária dos Anarcossindicalistas (RKAS), ou com o da própria Coordenação Anarquista Brasileira (CAB).

As discussões sobre organização anarquista não iniciaram em 1926 nem terminaram em 1934. Os debates seguem até os dias de hoje, se expandindo e aumentando os campos de disputa. Ainda hoje, no Brasil, a questão organizacional é fortemente debatida no meio anarquista. Os antiorganizacionistas, apesar de serem minoritários, sempre estão presentes

²² Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/DieloTruda/>. Acesso em 25 abr. 2022.

para lembrar que a necessidade de uma organização anarquista não é uma questão fechada. Os organizacionistas, apesar de majoritários, estão divididos em diversas tendências, como pôde ser observado na presente pesquisa, dificultando sua organização e unificação. Os debates do início do século XX demonstram que o anarquismo não é uma ideologia homogênea, mas sim, multifacetada, onde existem divergências sérias de opinião e onde questões fundamentais são calorosamente debatidas. É justamente essa característica plural do anarquismo que a pesquisa buscou evidenciar, pois se crê que ela auxilia na tentativa de mudar a visão negativa e estreita que existe sobre o movimento anarquista.

5 FONTES

DIELO TRUDA. **A Plataforma Organizacional da União Geral dos Anarquistas — nº 13, 14, 15 e 16.** jun., jul. e ago. 1926a. Tradução de Ina Hergert. Disponível em:

<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2019/08/dielo-truda-a-plataforma-organizacional-no-va-traduc3a7c3a3o-com-nota-ajustada.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2022.

DIELO TRUDA. **Suplemento à Plataforma Organizacional.** 2 nov. 1926b. Tradução de Plínio A. Coêlho. Disponível em:

<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2017/01/dielo-truda-suplemento-a-plataforma-organizational.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2022.

DIELO TRUDA. **Resposta aos Confusionistas do Anarquismo.** 18 ago. 1927. Tradução de Plínio A. Coêlho. Disponível em:

<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2019/07/dielo-truda-resposta-aos-confusionistas-do-anarquismo-cc3b3pia.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2022.

IL MARTELLO. **About a Project for Anarchist Organization.** 17-24 set. 1927. Traduzido do italiano ao inglês por Nestor McNab. Disponível em:

<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2019/07/luigi-fabbri-about-a-project-for-anarchist-organization.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2022.

IL RISVEGLIO. **Um projeto de organização anarquista.** out. 1927. Disponível em:

<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2019/07/malatesta-um-projeto-de-organizac3a7c3a3o-anarquista.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2022.

IL RISVEGLIO. **Resposta a “Um projeto de organização anarquista”.** 4 dez. 1929a.

Tradução de Danielle Sales. Disponível em:

<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2019/07/makhno-primeira-carta-a-malatesta.pdf>.

Acesso em: 25 abr. 2022.

IL RISVEGLIO. **Resposta de Malatesta a Nestor Makhno.** dez. 1929b. Disponível em:

<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2019/07/resposta-de-malatesta-a-nestor-makhno.pdf>.

Acesso em: 25 abr. 2022.

GOLOS TRUZHENIKA. **Anarquismo construtivo.** 1930. Tradução de Ateneu Diego Giménez. Disponível em:

<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2019/07/maximoff-anarquismo-construtivo.pdf>.

Acesso em 25 abr. 2022.

PLUS LOIN. **Organização e partido — nº 36 e 37.** mar. e abr. 1928. Traduzido do francês ao português por Plínio Augusto Coêlho. Disponível em:

<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2019/07/maria-isidin-organizac3a7c3a3o-e-partido.pdf>.

Acesso em 25 abr. 2022.

LE LIBERTAIRE. **Uma segunda carta a Malatesta.** 9 ago. 1930. Traduzido do inglês ao português por Rafael Viana da Silva. Disponível em:

<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2019/07/makhno-segunda-carta-a-malatesta.pdf>.

Acesso em 25 abr. 2022.

VOLIN *et al.* Reply to the Platform (Synthesist). **Nestor Makhno Archive**. 1927. Disponível em: <http://www.nestormakhno.info/english/volrep.htm>. Acesso em: 26 abr. 2022.

VOLIN. A Síntese Anarquista. *In*: FAURE, Sébastien (org.). **L'Encyclopédie Anarchiste**. Paris: Editions de la Librairie Internationale, 1934. Tradução de Plínio A. Coêlho. Disponível em: <https://ithanarquista.files.wordpress.com/2017/06/volin-a-sintese-anarquista.pdf>. Acesso em 25 abr. 2022.

FAURE, Sébastien. **A Síntese Anarquista**. 1928. Disponível em: <https://ithanarquista.files.wordpress.com/2017/06/sebastien-faure-a-sc3adntese-anarquista.pdf>. Acesso em 25 abr. 2022.

REFERÊNCIAS

- ARSHINOV, Piotr. **Historia del Movimiento Makhnovista**. Buenos Aires: Tupac, 2008.
- AVRICH, P. **The Russian anarchists**. *S.l.*, Princeton University Press, 1971.
- BETTINI, Leonardo. **Bibliografia dell'Anarchismo, Periodici e numeri unici anarchici in lingua italiana pubblicati all'estero (1872-1971). Volume I, Tomo II**. Firenze: Crescita politica, 1976.
- BRAVO, Gian Majuo. Anarquismo. *In*: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. (orgs.). **Dicionário de Política**. Brasília: Editora da UnB, 1998.
- CARONE, Edgard. **Socialismo e anarquismo no início do século**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CARR, Edward. H. **A revolução russa de Lenin a Stalin 1917-1929**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- COÊLHO, Plínio A. **História do Anarquismo**. São Paulo: Imaginário/Faísca, 2008.
- CORRÊA, Felipe. **Bandeira Negra: discutindo o anarquismo**. Curitiba: Prismas, 2015.
- CORRÊA, Felipe; SILVA, Rafael V.; SILVA, Alessandro Soares da. **Teoria e História do Anarquismo**. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2015.
- CORRÊA, Felipe; SILVA, Rafael V. **Bakunin, Malatesta e o Debate da Plataforma: a questão da organização política anarquista**. 1. ed. Cuiabá: Rusga Libertária, 2015.
- COSTA, Caio Túlio. **O que é anarquismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DARCH, Colin M. **The Makhnovichna, 1917–1921: ideology, nationalism, and peasant insurgency in early twentieth century Ukraine**. Tese (Doutorado em História) — University of Bradford. Bradford-ING, 1994. Disponível em: <https://ethos.bl.uk/OrderDetails.do?uin=uk.bl.ethos.546580>. Acesso em 27 mar. 2022.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ed. Atica, 1988.
- GAY, Kathlyn. **Encyclopedia of Political Anarchy**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 1999.
- GUÉRIN, D. **O anarquismo: da doutrina à ação**. Rio de Janeiro: Germinal, 1968.
- HEATH, Nick. Arshinov, Peter, 1887-1937. **libcom.org**, 20 set. 2004. Disponível em: <https://libcom.org/article/arshinov-peter-1887-1937>. Acesso em: 27 mar. 2022.
- HEATH, Nick. Mett, Ida, 1901-1973. **libcom.org**, 20 set. 2006. Disponível em: <https://libcom.org/article/mett-ida-1901-1973>. Acesso em: 29 mar. 2022.
- HEATH, Nick. Vidas revolucionárias: Maxime Ranko ou Jerzy Borejsza (1905-1952), o homem por trás dos nomes. **Passa Palavra**, 31 jul. 2017. Disponível em: <https://passapalavra.info/2017/07/114163/>. Acesso em: 29 mar. 2022.
- HOBSBAWM, Eric J. **A Era do Capital**. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

MAITRON, Jean. **Le mouvement anarchiste en France**. Paris: Gallimard, 1992.

MCNAB, Nestor. Italy and the Platform: Italian Involvement in the Debate on the 'Organisational Platform'. **The Anarchist Library**, 2004. Disponível em: <https://theanarchistlibrary.org/library/nestor-mcnab-italy-and-the-platform>. Acesso em: 18 fev. 2022.

MARSHALL, P. **Demanding the impossible: a history of anarchism**. Oakland: PM Press, 2010.

MINTZ, Frank. Contexto de la Plataforma. **Anarkismo.net**, 09 jul. 2007. Disponível em: <http://www.anarkismo.net/article/5953>. Acesso em 18 fev. 2022.

PALIJ, Michael. **The Anarchism of Nestor Makhno, 1918–1921: an aspect of the Ukrainian Revolution**. Seattle: University of Washington Press, 1976.

PEIXOTO, Maitê. **O Quarto Poder Vermelho: embates teóricos e político ideológicos entre anarquistas e comunistas no contexto de formação dos partidos comunistas do Brasil**. 2010. 325f. Dissertação (Mestrado em História) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2338>. Acesso em 22 mar. 2022.

PERNICONE, Nunzio. **Carlo Tresca Portrait of a Rebel**. New York: Palgrave MacMillian, 2005.

ROCKER, Rudolf. Voline. *In*: VOLINE. **The Unknown Revolution 1917–1921**. Oakland: PM Press, 2019.

ROMANI, Carlo. Anarquismo italiano, transnacionalismo e emigração ao Brasil: contribuições ao debate teórico. **Revista Crítica Histórica**, *S. l.*, v. 11, n. 21, p. 10-33, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/9758>. Acesso em: 11 abr. 2022.

RUGAI, Ricardo Ramos. **O anarquismo organizado: as concepções práticas da Federação Anarquista Uruguaia (1952- 1976)**. 2003. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

SCHMIDT, Michael; VAN DER WALT, Lucien. **Black Flame: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism**. Oakland: AK Press, 2009.

SHUBIN, Aleksandr. The Makhnovist Movement and the National Question in the Ukraine, 1917-1921. *In*: VAN DER WALT, Lucien. **Anarchism and Syndicalism in the Colonial and Postcolonial World, 1870-1940**. Leiden: Koninklijke NV, 2010.

SKIRDA, Alexandre. **Nestor Makhno: Anarchy's cossack - The Struggle for Free Soviets in the Ukraine 1917-1921**. Oakland: AK Press, 2004.

SKIRDA, Alexandre. **Facing the enemy: a history of anarchist organization from Proudhon to may 1968**. Oakland: AK Press, 2002.

STRONGREN, Fernando Figueiredo. **Imprimindo a anarquia**: o jornalismo anarquista no Brasil nas primeiras décadas do século XX. 2017. 192f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília. Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23319>. Acesso em: 21 mar. 2022.

VERNON, Richards. **Malatesta**: pensamiento y acción revolucionarios. Buenos Aires: Tupac Ediciones, 2007.